

Exemplo de leitura

Desencontros de amor

por

Ailene Frances

Direitos de © 2017 Ailene Frances/Eileen Sheehan
Impresso nos Estados Unidos da América
Direitos Eletrônicos e Digitais Mundiais
Direitos de impressão em todo o mundo

Earth Wise Books
Edição Electrónica

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, incluindo digital, eletrônica ou mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento prévio por escrito da editora, exceto breves trechos para uso em resenhas.

Este livro é uma obra de ficção. Personagens, nomes, lugares e incidentes são o produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com quaisquer pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidência.

Aviso** Partes desta história podem revelar-se demasiado gráficas, sexualmente explícitas, verbalmente vulgares ou violentas para leitores sensíveis ou traumatizados. Aconselha-se a discrição do leitor.

Este livro é dedicado a todos os românticos incuráveis do mundo.

Conteúdo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[SOBRA A AUTORA](#)

[Viúva de Papel](#)

Março 1799

Ela desceu pelo beco escuro entre edifícios construídos de tal forma que os brilhantes raios da lua não tiveram a chance de iluminá-lo. Com seu rosto tomado por óculos grandes demais que distorciam sua visão e sofrendo de um leve caso de cegueira noturna, ela fez o possível para evitar os muitos obstáculos perigosos que atravancavam a penosa e interminável jornada até seu destino.

Elizabeth desejou ousar remover os incômodos óculos de aros finos que agrediam a ponte de seu delicado nariz e as proeminentes maçãs de seu rosto. Encontrar o caminho através das ruas mal iluminadas na neblina escura do amanhecer de Londres já era difícil o suficiente sem estar sobrecarregada com uma visão embaçada. Os óculos nem mesmo eram dela. Sua visão era perfeita. Ela secretamente os apanhara da mesa do supervisor da propriedade pouco antes de partir para ajudá-la com seu disfarce. Já que o homem velho e espigado mantinha uma variedade de assistência visual, desde óculos de aros finos até lentes de aumento, ela duvidava que ele sentisse falta deles.

A moldura do par que ela escolhera apressadamente transformara sua impressionante beleza aristocrática, no que apenas poderia ser descrito como comum e apagada. Com o capuz de sua grosseira capa de lã cinzenta puxado para baixo sobre seu rosto oval e os grandes óculos, havia

muito pouco deixado exposto. Ela sentiu-se confiante de que atrairia mínima atenção de qualquer curioso que pudesse encontrar a essa hora.

Elizabeth apertou mais a capa em seu corpo delgado, ignorando a áspera agressão em sua carne macia. Embora o tecido espinhoso não fosse algo com que ela estivesse acostumada, ela preferia suportar o toque áspero ao vento implacável que atravessava o beco abandonado. Parecia anormalmente frio para esta época do ano, ou talvez não fosse o clima. Talvez o clima estivesse normal e ela estivesse mais fria que o habitual por alguma outra razão. Poderia ser por seu medo de ser descoberta antes que pudesse concretizar seus planos? Ou possivelmente sua antecipação do que estava por vir?

Seus pálidos chinelos amarelos, adornados com fileiras de contas multicoloridas combinadas para formar um belo pavão, proporcionavam uma frágil caminhada. A delicada estrutura deles não era compatível com a espessa sujeira cobrindo o trecho final do beco escuro e úmido. Elizabeth soltou um suspiro. Havia quase finalizado seu caminho através dos perigosos detritos que permeavam seu trajeto sem um acidente. Ela estava tão perto. Agora, ela seria apresentada para o bom Doutor Jameson com uma, muito questionável e desagradável, gosma espessa cobrindo boa parte de seus chinelos.

Ela deveria ter tirado um tempo para furtar um par de sapatos mais útil de uma das criadas. Quando ela,

secretamente, preparava suas roupas para sua grande fuga, esqueceu-se completamente dos calçados. Não apenas seus chinelos não eram úteis, como eram demasiados elegantes em comparação ao restante de suas roupas. Elizabeth balançou a cabeça. Estava reduzida a ladra. Ela odiava ladrões. Fora um ladrão que causara a morte de sua mãe e de seu pai.

Seu oitavo aniversário mal havia passado quando o correio chegou com a notícia horrível de que seus pais haviam sido assassinados durante um roubo, enquanto estavam a caminho da corte. Nove anos depois, Elizabeth ainda se lembrava daquela manhã fatídica como se fosse ontem.

O brilho suave e alaranjado do nascer do sol apenas despontava por trás das árvores alinhadas da encosta e as gotas sedosas do orvalho da manhã cobriam o jardim da propriedade quando o cavalo do correio entrou empinando no pátio. Apenas alguns criados estavam acordados e ativos. A falta de atividade acentuava o alto eco dos cascos do cavalo suado sobre o paralelepípedo.

Já acordada, ela ouviu claramente a forte batida do mensageiro na sólida porta de carvalho da entrada, diretamente abaixo de sua janela aberta.

O mensageiro não usara a aldrava da porta em formato de cabeça de águia, não confiando que seria alto o suficiente para alertar a residência de sua presença tão cedo pela manhã.

O quarto dela estava situado no centro do segundo andar bem acima do grande salão. Embora ela pudesse facilmente ouvir o caos abafado causado pela notícia, era incapaz de distinguir as palavras sendo ditas.

Ela presumiu que a sensação de medo que sentia levaria embora o calor de sua cama aconchegante, antes que a renovação do fogo na lareira pudesse transformar o chão de pedras frias e paredes cobertas de crina de cavalo, no acolhedor paraíso que ela conhecia e amava. Ela aconchegou-se mais sob as camadas de suas grossas cobertas e observou a névoa de sua respiração se dissipar no ar como pequenas nuvens de vapor. Não demoraria muito para que alguém viesse alimentar a lareira e ela pudesse indagar sobre a visita perturbadora do correio. Ele provavelmente fora mandado por uma senhora ou um senhor vizinho que necessitava dos cuidados de seu pai, sem saber que seus pais estavam a caminho da corte.

Quando a porta se abriu não foi um criado com um balde de brasas para o fogo que entrou, foi sua governanta, Isabelle. Sua relutância era evidente quando ela compartilhava a notícia chocante que mudaria a vida de Elizabeth para sempre.

A família de Elizabeth passara seus primeiros anos vivendo felizes no interior, com seu pai viajando para a corte quando convocado. Tanto ele, como sua mãe amavam a beleza pacífica da vida rural. Mas, quando a saúde do Rei George começou a enfraquecer notavelmente, era obrigação

de seu pai, como médico real sênior, estar disponível em todos os momentos; algo que não poderia ser realizado a menos que eles residissem na corte real.

Elizabeth havia desenvolvido um resfriado desagradável depois de, desobedientemente, brincar na chuva fina de um entardecer e resfriar seu corpo até os ossos. Seu irmão, Herald, pegara o resfriado de Elizabeth quase imediatamente.

Ciente de que o rei se aborreceria se a família chegasse à corte com duas crianças doentes, mas incapaz de atrasar a viagem tempo suficiente para permitir que as crianças recuperassem a saúde, seus pais, relutantemente, deixaram seus amados pequenos aos cuidados de Isabelle. As crianças deveriam juntar-se a seus pais tão logo estivessem saudáveis o suficiente para se apresentarem à corte. Isso nunca acontecera. Em vez disso, eles foram levados para Londres para viver com o irmão de sua mãe, Lord Cyrus Roberts.

Um viúvo sem filhos com mínima inclinação para afeto e atenção para com Elizabeth, Lord Roberts fornecera suas necessidades básicas, menos carinho e amor.

Elizabeth olhou o céu sem estrelas. A única insinuação de luz vinha da pequena porção de lua se preparando para trocar de lugar com o sol nascente. Fuligem e fumaça disparavam incansavelmente das inúmeras chaminés de Londres, de todos os formatos e tamanhos, enquanto eram acesas em preparação para as refeições do dia.

Ela desejava que fosse mais fácil ver seus arredores. Teria gostado de pelo menos saber mais acerca da gosma que se apegava a seus acessórios antes de continuar. Melhor ainda, ela teria gostado de encontrar um meio de limpá-los.

Ela estava tão ocupada examinando a gosma em seus pés que só percebera que havia chegado ao seu destino quando o beco terminou subitamente. Observando os arredores o mais longe possível, ela saiu do beco e encaminhou-se para os degraus da frente de uma grande casa de tijolos vermelhos.

Levantar a sólida e ornamentada aldrava de bronze da grossa porta de nogueira não foi um feito fácil. Ela usou ambas as mãos para levantar a formidável e pesada cabeça de leão longe o suficiente de seu gancho para produzir um som adequado quando a soltasse. Quando uma pequena abertura na porta, não mais de quinze centímetros de largura e cinco de altura, se abriu alguns segundos depois de ela deixar cair a aldrava de bronze, ela se encontrou encarando olhos semicerrados e vermelhos que insinuavam o triste brilho de uma juventude que se foi.

“Anuncie-se!” gritou uma voz forte e estável.

“É Lady Elizabeth Nottingham, senhor. Venho ver o Doutor Jameson.” ela respondeu com mais confiança do que sentia.

O tom rude dele não fez nada para acalmar os nervos desgastados dela. O silêncio parecia ensurdecedor enquanto

ela esperava, pelo que parecia uma eternidade, a pesada porta ser lentamente aberta.

“Ele já vem, senhorita. Devo mostrar-lhe onde esperar. Ora siga-me e não perca tempo.” afirmou o mordomo num tom de autoridade.

Havia algo estranhamente familiar sobre seu aspecto alto e desajeitado, bem como a forma que ele movia seu corpo estreito. Ela olhou-o brevemente antes de deslizar pela pequena abertura que ele permitia entre a porta e o batente, antes mesmo que ele pudesse abrir totalmente a espessa porta.

Uma vez dentro, ela imediatamente notou como suas roupas de casa eram excepcionalmente imponentes para um funcionário, mesmo que ele estivesse em uma posição de autoridade. Ela o achou assustadoramente intimidante. Ele era cerca de trinta centímetros mais alto que ela, forçando Elizabeth a inclinar a cabeça para trás quando ela sorriu para ele em uma tentativa de suavizar sua atitude. Talvez um pouco de calor humano pudesse dissipar um pouco sua rispidez.

“Por favor, se abstenha de sorrir para mim dessa maneira, senhorita. Isso não vai trazer o doutor mais rápido para você,” ele resmungou. “Agora, mova esses pés e apresse-se.”

Elizabeth não ficou apenas chocada com a impertinência com a qual ele dirigiu-se a ela, mas surpreendida pela dicção perfeita em que o homem falara.

Esta era uma coisa incomum de se encontrar dentro da classe de serviçais. Ela pensou em questioná-lo sobre sua dicção perfeita e vestimenta fina, mas o pensamento passou tão rápido quanto chegou quando eles simultaneamente olharam para baixo à menção de seus pés.

Uma mistura de um cacarejo alto, um grito de consternação e um suspiro de horror escapou de seus lábios com tanto fervor que poderia acordar os mortos: “O quê? Onde você esteve? Você não pode entrar assim, senhorita! O mestre ficará furioso se eu permitir que você prossiga... O que é isso?”

A aflição de Elizabete sobre a condição de seus chinelos se renovou enquanto ela levantava um pé e depois o outro. Eles estavam muito piores do que imaginara.

“Eu realmente não sei dizer,” ela respondeu. “Estava muito escuro no beco”.

“O beco? Você percorreu o beco?” O velho fez um alto “humf”. “Bem, seja lá o que for, peço que remova prontamente.”

Ele bateu as mãos rapidamente e, em segundos, uma criada jovem e franzina, que aparentava a mesma idade de Elizabeth, apareceu carregando um pano grosso.

Elizabeth supôs que ela estivesse parada nas sombras. De que outra forma ela saberia que eu precisava de um pano de limpeza?

Como se lesse sua mente, o velho falou: “Esta é Sally. Ela carrega aquele maldito pano com ela onde quer que vá. Esta é a primeira vez que é tão útil”.

“Eu diria isso”, Sally exclamou quando seus olhos se fixaram nos chinelos de Elizabeth.

Elizabeth notou a expressão cansada de Sally e suspirou. Ela pensou o quão triste era a pobrezinha ter sido chamada antes de sua hora de acordar, por causa de seus pés sujos.

Sendo uma mulher que valorizava seu sono, saber que ela roubara da jovem empregada preciosos minutos de seu muito necessário repouso, encheu Elizabeth de remorso. Agora, a empregada que, obviamente trabalhava demais, provavelmente estaria arrastando-se o dia todo enquanto lutava para completar seus deveres. Se ao menos ela tivesse sido mais cuidadosa por onde pisava.

Tentando aliviar parte de sua culpa, Elizabeth sorriu calorosamente para a moça cansada. O que levou a jovem a corar e desviar o olhar. A cor rosada que se espalhava por suas bochechas, por um breve momento, trouxe um brilho escondido antes que este escorregasse para o abismo de seus olhos verdes sem emoção.

"O que você está fazendo?", o velho rugiu. "Deixe a moça com seus afazeres. Devo informar o doutor que você chegou." Ele olhou ameaçadoramente para Sally, "Eu creio que você deve corrigir esta situação urgente”.

"Sim, mestre John", Sally respondeu timidamente enquanto esfregava cuidadosamente a gosma desagradável que se agarrava obstinadamente aos chinelos de cetim habilmente confeccionados de Elizabeth e ameaçava destruí-los. Ao fazê-lo, as contas coloridas do desenho de pavão soltaram-se e rolaram pelo chão de ardósia meticulosamente lavado. "Oh, senhorita, sinto muito. Seus chinelos estão arruinados com certeza."

Elizabeth quase não percebeu o dilema de Sally enquanto ponderava a maneira como a criada se dirigia ao mordomo. Mestre John? Certamente, um criado homem, mesmo o mordomo, não seria abordado de tal maneira. Seria?

"Sally", a voz de Elizabeth era quase inaudível. "Quem era aquele homem?"

"Aquele era o Mestre John, senhorita." Sally respondeu suavemente.

Sally roubou um momento para olhar Elizabeth mais de perto. As jovens senhoras raramente procuravam a casa dos Jameson e, certamente, nunca sem escolta antes do amanhecer. Sua roupa era a de um servo, mas a firmeza de seus olhos violeta amendoados falavam de uma mulher que tinha certeza de si mesma. Sua pele brilhava com saúde e suas mãos suaves e lisas certamente nunca viram um dia de trabalho. Não, essa jovem senhorita não era serva. Apesar de que Sally não conseguia imaginar sua vida.

"O que ele faz aqui?" Elizabeth perguntou inconsciente das reflexões de Sally.

"Ora senhorita, ele é o mordomo. Ele está no comando dos outros na casa." Sally respondeu com uma confusão óbvia.

"Você o chamou de mestre, não foi?" O tom de Elizabeth era levemente impaciente.

"Sim, foi, senhorita", respondeu Sally.

"Por quê?" Elizabeth perguntou.

Sally pareceu estupefata.

"O porquê eu não sei exatamente, senhorita", disse Sally com seriedade. "É assim que me disseram pra chama-lo desde o momento que cheguei. Nunca perguntei, senhorita."

"Por que ele atendeu a porta? A casa tem um laçao, não tem?" Continuou Elizabeth.

"Sim, senhorita, vários", respondeu Sally.

Embora Sally tenha respondido às perguntas, ficou claro que ela preferia ter permissão para fazer apenas seu trabalho.

"Então, por que..." Elizabeth sacudiu a cabeça. Era óbvio que a empregada não ajudaria a esclarecer o papel de John. "Eu acho isso muito estranho, muito estranho mesmo".

Sally manteve a cabeça inclinada para o chão para esconder um sorriso. Ela achou engraçado que uma dama que chegara à residência de seu mestre nas primeiras horas

da manhã, com seus chinelos chiques cobertos com algum tipo de gosma desagradável, sem escolta e vestida com uma roupa que, obviamente pertencia a uma mulher muito abaixo de sua posição, achasse alguma coisa na casa estranho.

Antes que Elizabeth pudesse ponderar mais sobre John, ele voltou e impacientemente fez sinal para que ela o seguisse até uma sala de recepção na extremidade do corredor. Ela não estava acostumada a ser tratada assim por servos, mas manteve-se calada. Levando em consideração o fato de que seu traje pertencia a uma de suas criadas, era compreensível que ela fosse tomada por uma mulher de uma posição inferior. Isso só provava que seu disfarce funcionara. Se ela quisesse sair de Londres sem ser detectada, ninguém, além de seu novo guardião, o bom Doutor Jameson, deveria conhecer sua verdadeira identidade.

O murmúrio de uma criada jovem e frágil acordando chamou a atenção de Elizabeth. Ela olhou dentro do pequeno armário sob as escadas enquanto passava, bem a tempo de ser capturada por um par de grandes olhos castanhos sonolentos que exprimiam as dificuldades da vida de um servo na Inglaterra do século XVIII.

Surpreendida pela dura realidade da situação da menina, Elizabeth pensou em quão diferente sua própria vida teria sido se ela não tivesse nascido dentro da sociedade. Ser órfão nunca era bom. Mesmo em sua posição

de privilégio, sua vida carecia de uma das coisas mais importantes para a felicidade: amor.

Seu tio, um conde de nascimento, relutantemente assumira a tarefa de cuidar de Elizabeth e de seu irmão após a morte de sua irmã. Ele deixou bastante claro, bem início do relacionamento, que preferiria um arranjo diferente, mas se recusou a fornecer mais fofocas. O comportamento rebelde de sua irmã já as havia criado em abundância.

Lord Roberts certificou-se de que Elizabeth estivesse bem alimentada e impecavelmente vestida. Fez que ela recebesse a melhor educação disponível para mulheres jovens. Contratou os melhores educadores e tutores que o dinheiro poderia comprar. Até mesmo dando-lhe oportunidades de fazer algumas viagens rápidas pela Inglaterra, a fim de ampliar sua visão do país.

Infelizmente, seu coração esteve sempre fechado para ela.

A mãe de Elizabeth, Lady Vanessa Roberts, chocara a família e a sociedade rejeitando o homem da escolha de seus pais. Ela fugira e casara-se secretamente por amor, em vez de se casar abertamente por riqueza e status. Para piorar a situação, Vanessa casara-se com um homem de classe média, abaixo de sua posição na sociedade.

Ironicamente, ambos os pais de Vanessa morreram de tuberculose pouco depois do chocante anúncio de seu casamento com um brilhante e promissor jovem médico. Nenhum auxílio do médico da família, ou de seu novo genro

médico, poderia reverter o curso da doença que no final os levaram à morte. Rumores se espalharam rapidamente de que os Roberts foram levados para o túmulo pela demonstração de rebeldia da filha. Certamente, a tuberculose nunca os teria consumido se eles não tivessem perdido a vontade de viver, por vergonha das ações de sua filha. Anos mais tarde, os cochichos ainda podiam ser ouvidos entre os membros mais rígidos da província.

Embora o novo marido de Vanessa, Thomas Nottingham, tenha trabalhado arduamente para desenvolver uma reputação séria como o melhor médico de Londres e até ganhara o respeito e atenção do rei George, Cyrus não deixaria passar o fato de sua irmã ter envergonhado a família publicamente, casando-se com ele. Mesmo o rei concedendo a Thomas o título de nobreza, uma grande propriedade no país, e uma generosa fortuna, a teimosia de seu tio não fora alterada. Cyrus nutrira a amarga crença de que as núpcias entre Vanessa e o nobre impostor fora o que levava seus pais à morte.

Único filho homem e herdeiro da fortuna de seus pais, Cyrus negou à Vanessa sua legítima herança e qualquer reconhecimento como família, mesmo que ao olhar para eles não fosse possível negar o parentesco. Sua obstinação continuou até que o aumento do status do marido dela com o rei forçou-o a fazer o contrário. Ele, por fim, cedera e concedera a herança de Vanessa, mas nunca se tornara

realmente amigo de Thomas, e havia tensão entre irmão e irmã até o dia em que ela morrera.

O irmão de Elizabeth, Herald, de acordo com os costumes e as leis de seu país, herdara a propriedade de seus pais imediatamente após sua morte. Três anos mais novo que ela, a propriedade permaneceu em confiança com o escritório de advocacia de Simon e Jameson até Herald chegar ao décimo sexto aniversário. Elizabeth ficou com uma pequena fortuna, sendo a maior parte destinada como um dote. Ela foi autorizada a fazer pequenas retiradas para as necessidades do dia-a-dia que não fossem atendidas por seu tio enquanto estivesse aos seus cuidados.

Ela frequentemente se perguntava se seu tio a teria tratado diferente se ela tivesse tido sorte como Herald e tivesse herdado o cabelo louro da mãe, a pele corada e os cristalinos olhos azuis. Herald parecia-se tanto com seu tio que aqueles que não estavam cientes das circunstâncias geralmente pensavam que Cyrus era de fato o verdadeiro pai do menino. Cyrus era tão carinhoso com o menino, que aqueles que não estavam familiarizados com a situação, naturalmente, o confundiam como pai do menino.

Muitas vezes ela refletia sobre a reação de aversão de seu tio quando ele olhou-a pela primeira vez: "Pensei que havia puxado aos Roberts, menina. Tens os cachos negros, grossos e indisciplinados do teu pai e as bochechas constantemente rosadas. Tua pele pode ser a de tua mãe, mas esses olhos violetas profundos não são de nossa

linhagem. Temos olhos azuis claros. É o sangue do seu pai que vos domina, criança. Tudo o que vejo de sua mãe são as covinhas profundas em ambas as faces e teu físico pequeno e bastante frágil. É uma decepção, para dizer o mínimo".

O fato de que ela nunca sentiria o amor que foi despejado sobre seu irmão, simplesmente porque ela parecia-se com seu pai, era uma compreensão dolorosa para se aceitar. Ela frequentemente lembrava a si mesma de quantas meninas em sua situação se encontravam em circunstâncias muito menos desejáveis e aceitava o cuidado que ele lhe proporcionava com humilde gratidão. Na verdade, ela fora a sobrinha modelo até a noite em que ele ofereceu um pequeno jantar, ainda que extravagante, onde ele a surpreendeu anunciando seu noivado com o homem que ela via-se sentada ao lado a noite toda.

Elizabeth estremeceu quando se lembrou dos diferentes olhares nos rostos dos distintos homens e elegantes damas quando seu tio levantou-se na extremidade da mesa, que estava repleta de uma abundante variedade de carnes e frutas, e levantou a xícara do café recém-importado em um brinde pelas futuras núpcias de sua sobrinha e Lord Stephen Carlson. Alguns brilharam com admiração enquanto outros – principalmente as damas – mostravam inveja e ciúmes.

Sentado um pouco perto demais dela, Lord Carlson imediatamente colocou sua mão sobre a dela, de uma maneira um tanto tímida, mas possessiva, enquanto sorria e

acenava com a cabeça em resposta aos aplausos e felicitações dos convidados.

Poderia ele notar sua surpresa? Sim, ela estava surpresa.

De fato atordoada.

Seu tio nunca a consultara sobre sua decisão. Ela não tinha permissão, nem o mínimo possível, em opinar sobre seu futuro? Incerta do que fazer, Elizabeth simplesmente permaneceu sentada em sua cadeira e olhou fixamente o grande prato de prata, finamente gravado, no centro da mesa que sustentava o peso de um enorme assado de veado rodeado por maçãs, cerejas e peras cozidas.

Tendo vivido com seus desejos e vontades ignorados desde o fatídico dia em que seus pais morreram, Elizabeth passou os anos fantasiando em conhecer um homem que a amaria e a adoraria. Ela queria um marido que se importasse com suas necessidades, pensamentos e sentimentos. Acima de tudo, queria se casar por amor. Ela lembrava claramente a felicidade e o amor que seus pais compartilhavam e desejava ter o mesmo para si.

Ela sabia muito pouco sobre o homem a quem acabara de ser prometida publicamente, além de que ele era cerca de trinta centímetros mais alto que ela e exibia um belo bigode quando se conheceram pela primeira vez; o qual ele havia raspado. Ele possuía olhos cinza como aço que atingiam profundamente a alma de uma pessoa quando olhava para ela. Quando ele sorria, as mulheres - incluindo ela mesma -

tendiam a ficar com as pernas bambas. Mas, seria isso o suficiente para fazê-la querer se casar e passar o resto de sua vida com ele? Dificilmente!

Tendo acabado de retornar das colônias, Lord Stephen Carlson era o assunto da sociedade londrina, bem como um dos solteiros mais cobiçados da província. Treze anos mais velho que Elizabeth, ele partira da Inglaterra em busca de aventura quinze anos antes e retornou apenas recentemente a pedido de seu pai, que sofria de uma doença respiratória aguda.

Herdeiro de um ducado, com uma propriedade que poderia rivalizar com a de um rei, Stephen colocou de lado seus assuntos no exterior e assumiu obedientemente o papel de chefe de propriedade. Poucos dias depois, os deveres seriamente negligenciados do pai estavam em suas mãos competentes.

Elizabeth considerou sua situação. A maioria das mulheres teria desmaiado de alegria com a perspectiva de se tornar Lady Carlson. Afinal, Lord Carlson estaria um dia entre os homens mais influentes da Inglaterra. Seu corpo alto e musculoso preenchia sua jaqueta e calças de forma que certamente era agradável aos olhos. A sua pele corada, o maxilar esculpido e os olhos acinzentados - que eram acentuados pelos cabelos castanhos avermelhados que aparentemente escureceriam se ficassem sem exposição ao sol durante algum tempo - podiam certamente tirar a respiração de alguém. Nas raras ocasiões em que ele usou

uma peruca, ela parecia acentuar seu magnetismo. Sim, de fato qualquer mulher se consideraria afortunada em tornar-se a esposa de Lord Stephen Carlson.

Mas, ela não era qualquer mulher.

Depois de viver os últimos nove anos sob a tutela de um homem que não podia, ou não queria abrir seu coração para ela, estava determinada a não passar o resto de sua vida em um casamento sem amor. Lembrando como seus pais foram felizes juntos e sabendo que eles desafiaram a convenção e se casaram por amor, ela prometeu a si mesma que faria o mesmo. Ela pretendia honrar essa promessa.

Não era importante para ela que Stephen Carlson fosse herdar a fortuna de um rei, nem a impressionante fortuna que ele supostamente adquirira por conta própria enquanto estava no exterior. Não interessava que um dia pudesse tornar-se uma duquesa com grandes casas à sua disposição, tanto na Inglaterra quanto no exterior. Não se importava que este casamento lhe desse a oportunidade de redimir o nome de família que havia sido manchado – ao menos aos olhos de seu tio e de alguns rígidos membros da província - pelas ações de sua mãe. Não era importante para ela que ele fosse extremamente bonito e vigoroso. Nem que suas aventuras no exterior o deixaram com um carismático ar de mistério. O que importa era que ele agia frio, reservado. Ele era claramente incapaz de amá-la do jeito que ela desejava ser amada.

Do jeito que ela precisava ser amada.

Do jeito que ela sonhara em ser amada sua vida toda.

Desde que Stephen voltara para a Inglaterra há menos de quinze dias – após uma ausência de quase uma década – Elizabeth encontrou-se em sua companhia em múltiplas ocasiões. Eles foram apresentados pela primeira vez na festa de Molly Regent e passaram o curto tempo discutindo o clima. Ambos foram convidados da condessa Weston em seu camarote no teatro, onde eles se viram sentados escandalosamente próximos, durante uma apresentação da Comédia dos Erros de William Shakespeare.

Embora Elizabeth tenha achado Lord Carlson bonito, além de ele não seguir a tendência de usar maquiagem para aprimorar suas características atraentes, e sua conversa ter se mostrado divertida e trivial, ela estava cautelosa com a desconhecida sensação de calor e agitação que sentia em seu estômago sempre que ele estava perto. Tendo crescido sem o privilégio de ser permitida em um círculo de amigos, como as meninas mais jovens de sua posição social, ela não tinha uma confidente para explicar essas ocorrências e foi forçada a recorrer ao seu próprio raciocínio. Como a sensação a deixou confusa e desconfortável, ela concluiu que devia ser ruim. Como Lord Carlson foi o instigador dessas más emoções e sensações, ele também deveria ser ruim.

Stephen visitou seu tio em várias ocasiões após sua apresentação inicial a ele. Ele passava a maior parte de sua visita encerrado atrás das espessas portas de nogueira que garantiam ao escritório particular de seu tio privacidade dos

olhos e ouvidos curiosos. À vezes, ele estava apenas na companhia de seu tio e, outras vezes, junto a alguns de seus parceiros de negócios. Depois das reuniões, Stephen religiosamente entrava na sala de estar onde passava breves momentos com ela em conversas triviais, seguidas de um incômodo silêncio.

Elizabeth notou como suas interações privadas estavam em forte contraste com a interação animada e despreocupada que ela experimentara durante seus encontros públicos. Como ambos frequentavam o mesmo círculo social, ela tomou essa atenção confusa e desconfortável do sempre popular e socialmente consciente Lord Carlson, como apenas cumprimento da obrigação de ser educado antes de se despedir. Nunca, em seus sonhos mais loucos, teria considerado que ele a estava cortejando.

Quando seu tio a chocou ao anunciar publicamente que ele concordara em entregar sua mão em casamento a esse homem reservado, que a deixava desconfortavelmente instável sempre que estava perto, sem sequer discutir isso com ela previamente, ela queria gritar e sair correndo da mesa.

Claro, a etiqueta social não permitiria isso.

A vida foi uma tortura nebulosa durante os poucos meses que levaram ao dia do casamento. Durante este tempo, as visitas de seu noivo diminuíram em duração e frequência, o que a deixou satisfeita.

Sua governanta, Madeleine Hardy, já havia completado o prazo de seu contrato, mas concordara em permanecer na residência como companheira de Elizabeth e camareira. Ela também deveria agir em nome da mãe falecida de Elizabeth, ajudando-a com a escolha de seu vestido e enxoval de noiva.

Madeleine era apenas dez anos mais velha que Elizabeth. Tendo sido criada como filha de um cavalheiro antes que a morte de seu pai exigisse que ela ocupasse uma posição como governanta, ela mergulhou na tarefa com fervor. Ela estava tão entusiasmada com os acontecimentos que falhou em reconhecer que Elizabeth não compartilhava nem um pouco de seu entusiasmo.

Para Elizabeth, os dias passaram em desespero. Não havia ninguém que entendesse ou compartilhasse esse sentimento de perda e confinamento que a oprimia?

Ela estava pensando justamente sobre esse fato enquanto comprava fitas para combinar com o novo brocado de seda que encomendara para fazer uma túnica matinal. Ela caminhava pela Rua Market quando encontrou um velho colega de seu pai, o Dr. Jameson.

Apesar de seu tio Cyrus pouco se importar com o distinto médico, seu pai tinha sido um amigo íntimo. Na verdade, seu pai pensava tão bem da família Jameson como um todo que o irmão do Dr. Jameson - sócio do escritório de advocacia Simon e Jameson - foi confiado para gerenciar a herança dos irmãos até a maioridade deles.

O Dr. Jameson assumiu para si visitar a casa do conde e averiguar o bem-estar de Elizabeth e Herald em mais de uma ocasião. A afeição que a jovem e o velho médico desenvolveram um pelo outro fora resultado dessas visitas.

"Minha querida, estou sabendo que você vai se casar com Lord Stephen Carlson", Dr. Jameson inclinou-se com entusiasmo antes de tomar suas mãos nas dele. "Ele deve herdar um ducado, não é? Muito bem, eu digo. Parabéns."

Ela estava tão feliz em estar na companhia desse reconfortante homem mais velho, que Elizabeth desculpou facilmente o fato de ele ter ignorado a última tendência da moda de um rosto bem barbeado e exibia um antiquado bigode grisalho com cavanhaque e excesso de pó, além de uma peruca levemente torta sobre sua cabeça. Sua tentativa de acompanhar a tendência de aprimorar sua fisionomia com um pouco de maquiagem aqui e ali, provou ser totalmente desagradável e poderia ser facilmente tomada por mau gosto. Tal combinação deu-lhe uma aparência cômica. Apesar da aparência desfavorável, os olhos de Elizabeth brilhavam com amizade genuína, completamente alheia ao olhar dos transeuntes.

O velho amigo de Elizabeth franziu o cenho com preocupação ao ouvi-la balbuciar sua gratidão pelas felicitações dele. Este não era o entusiasmo de uma jovem prestes a se casar. Ao observá-la, ele podia ver como suas faces, normalmente rosadas, estavam pálidas e seus olhos

brilhantes, profundamente violetas, pareciam apagados. Estaria ela doente?

Sentindo a necessidade de confiar em alguém, Elizabeth aceitou a oferta do médico para se juntar a ele para um café. Felizmente, eles não estavam longe de um dos poucos cafês em Londres, dispostos a entreter mulheres.

O rico aroma de grãos de café fresco recém-moídos atraía seus sentidos, enquanto ela permitia que o médico a guiasse até uma mesa mais isolada na parte de trás da sala mal iluminada. Ela fez um gesto para que Madeleine se colocasse em um local convenientemente distante deles, permitindo-lhe alguma privacidade antes de confiar seus segredos ao médico.

Durante uma longa conversa, acompanhada do café recém-preparado, iluminado com creme doce levemente dourado e complementado com biscoitos de amêndoa doce, Elizabeth expressou seu desespero por seu tio tê-la prometido em casamento, sem dizer-lhe uma palavra sequer antes de anunciar o noivado publicamente. Ela achava que mesmo que seu tio atendesse adequadamente às suas necessidades básicas, ele não considerara seus sentimentos desde aquele dia fatídico em que seus pais morreram e ela se tornara sua pupila. Ela estava certa de que o compromisso entre ela e Lord Stephen Carlson tinha como objetivo satisfazer o ego e a posição política do conde muito mais do que para sua felicidade e bem-estar.

Como lhe fora negado o privilégio de casar-se com o amor de sua juventude, devido à posição imprópria dela na sociedade, Lord Michael Jameson optara por permanecer solteiro, mas evitou se misturar com a nobreza. Ele mergulhou na ciência e medicina como um meio para ajudá-lo a curar seu coração partido. Sim, ele compartilhava do desejo de Elizabeth de se casar por amor e, sim, ele certamente entendia como ela poderia sentir que seu tio estava simplesmente tentando livrar-se dela na primeira oportunidade pela melhor oferta. Afinal, uma garota de dezessete anos com uma grande herança e uma respeitosa pensão certamente não poderia ser considerada uma pessoa destinada a se tornar uma solteira indesejável e dificilmente seria um fardo para seu tutor. Certamente Lord Roberts poderia ter esperado um pouco mais e ter permitido a sua jovem pupila a oportunidade de se apaixonar.

A insatisfação de Elizabeth com seu tio e sua situação era uma benção para o peculiar médico. Ele viu diante de si uma oportunidade de ouro. Por algum tempo, desejara viajar e explorar as colônias recentemente emancipadas. Infelizmente, sendo o filho do meio e não herdeiro da riqueza da família, ele não poderia financiar tal jornada. Uma vez que seu irmão estava encarregado da herança de Elizabeth até esta se casar, ele estava ciente de certas informações e sabia que ela tinha meios para fazer uma viagem ao redor do mundo várias vezes.

Já que a moça tinha total intenção de fugir de sua situação atual e dar um novo começo à vida, por que não fugir de fato? Por que não se aventurar em algum lugar, onde o conde nunca pensaria em procurar?

Com grande entusiasmo, o médico usou suas habilidades persuasivas e pintou um quadro de liberdade e felicidade como nenhum outro, com sua descrição do país recém-formado. Um país fundado sob a premissa de liberdade.

Elizabeth não havia pensado realmente em viajar para longe da única casa que já conhecera, especialmente tão longe quanto cruzar o oceano. Ela nunca tinha estado no mar. Viajar através do extenso oceano para uma terra tão crua como a das colônias, era um conceito assustador para ela. Havia uma copiosa quantidade de rumores na sociedade em relação aos bárbaros que lutaram contra o exército do rei ao lado de nativos seminus. Foi relatado que eles até praticavam a escravidão, algo que já não era feito nos países civilizados. As colônias que o médico descrevera não pareciam em nada com a terra bárbara que as fofocas tão vividamente retratavam. Quando ele lembrou-a que o muito refinado e respeitado Lord Stephen Carlson, o mesmo homem que seu tio escolhera para ela se casar, passou a última década de sua vida lá, ela concordou que devia ser o tipo de território que ele estava descrevendo para ela. Deveria realmente ser a terra de novos começos e liberdade.

A imagem que o médico pintou para Elizabeth fez com que o país recentemente emancipado parecesse um sonho tornado realidade. Notando que uma viagem desta magnitude se revelaria dispendiosa, ela concordou em financiar a viagem desde que ele cuidasse dos arranjos e atuasse como seu acompanhante não só durante a viagem, mas também quando chegassem a terra.

O médico assegurou-lhe que seria uma honra e um privilégio tornar-se seu guardião até ela encontrar e se apaixonar pelo homem de seus sonhos. Ele pediu que ela não contasse a ninguém sobre seus planos. Seu tio era um homem influente e Carlson o era igualmente, se não ainda mais. Se seus planos fossem descobertos antes de serem executados, as consequências poderiam ser terríveis demais, até mesmo para mencionar.

Eles se separaram com a promessa de se encontrar novamente dentro de uma semana. Ambos caminharam com mais leveza. Ambos se moviam com um ar de excitação. Eles tinham um plano. Para o Dr. Michael Jameson representava a aventura de uma vida inteira. Para Lady Elizabeth Nottingham, significava a liberdade e a promessa de uma nova vida com amor e felicidade.

"Você está além de pálida, menina, me diga que não veio sozinha!", O Dr. Michael Jameson vociferou quando entrou na sala com o mordomo John a seu encalço.

A genuína irritação expressa na voz do médico, enquanto ele atravessava o espesso tapete de lã e sentava-se em uma cadeira estofada de tapeçaria verde, assustou Elizabeth. Ela não tinha testemunhado esse lado de seu velho amigo durante as breves visitas ao longo dos anos. Ele sempre fora jovial e caloroso ao contar suas histórias de quando ele e o pai dela eram jovens médicos trilhando o caminho deles no mundo.

"Ora, sim, eu vim", ela respondeu impassível.

"Bem, por que você faria algo tão estúpido? Ora, é sem precedentes! Você não sabe o quão perigosas as ruas são à noite? E ... que o diabo me leve ... que idiotice eu ouvi? Você percorreu o beco?"

Eles estavam prestes a embarcar na aventura de uma vida inteira e ele estava nervoso e decididamente ansioso. A última coisa que precisava era um estresse indevido sobre o seu semblante envelhecido por causa das ações impensadas desta jovem mulher.

"Era mais rápido, senhor" respondeu Elizabeth hesitante.

Ao ouvir sua resposta à fúria do médico, Elizabeth, lamentavelmente, teve que concordar com ele. O que ela estava pensando? A reação dele sobre a maneira impensada como chegara ali foi surpreendentemente intensa. O que ele diria se soubesse o resto? Atrever-se-ia a dizer-lhe que contara, apenas um pouco, a Madeleine sobre seus planos e a mulher tola entregou-a? Atrever-se-ia admitir que seu tio

insistiu em casá-la imediatamente com Lord Carlson, a fim de evitar outro escândalo familiar? Atrever-se-ia dizer-lhe que ela já era Lady Carlson há mais de uma semana?

Ela não se atreveria.

"Eu pensei que seria melhor manter o menor número possível de pessoas informadas de nossos planos, então não contratei uma carruagem e tomei uma rota mais rápida e que exigiria menos caminhada. Desculpe-me se o aborreci, senhor," ela respondeu olhando para o chão.

De repente, ela se sentiu completamente tola.

"Não importa, querida", o médico suspirou. Ele pareceu perceber sua dureza e controlou seu mau humor. Voltando a ser o homem que ela conhecia tão bem, ele continuou: "Você provavelmente está certa nesse ponto. Quanto menos pessoas sabendo, melhor. Mesmo um chofer sabendo o seu paradeiro se mostraria um risco. Este pode ser um ato muito reprovável o que nós estamos fazendo, eu ousou dizer." Ele balançou a cabeça, permitiu que um sorriso largo consumisse o rosto e riu: "É realmente uma aventura".

"Na verdade," bufou John, aparentemente não entusiasmado. "Um que poderia lhe custar muito, velho idiota. Você está muito provavelmente navegando para as colônias pagãs para ser escalpelado ou pior."

Elizabeth ergueu uma sobrancelha surpresa com a familiaridade incomum que o servo do Dr. Jameson usava enquanto estava em sua companhia. Percebendo a reação

dela, seu novo guardião jogou a cabeça para trás rindo bastante.

"Lady Elizabeth Nottingham, devo apresentar meu irmão, Sir John Jameson? Eu percebi que você o conheceu, mas tenho certeza de que não foram devidamente apresentados."

John curvou-se, dissimulando seu divertimento o melhor que pôde.

"Seu irmão," Elizabeth arfou, "mas, pensei..."

"Sim, e você está correta. Ele realmente atua como o mordomo da casa", o Dr. Jameson riu. "Não porque ele precisa, fique sabendo. Na verdade, ele é meu irmão mais velho. O herdeiro da família", o médico estendeu o braço ao redor da sala, "esta casa, e tudo o que está nela pertence a ele. Não, ele não faz isso por necessidade, mas por vontade. Por alguma razão insondável, ele gosta de desempenhar o papel de meu servo."

"Muito bem", John assentiu com entusiasmo, enquanto fazia o possível para esconder seu divertimento.

"Muito estranho", pensou Elizabeth.

"De fato", o médico concordou.

De alguma forma, Elizabeth não sentiu que estava sendo informada da história inteira, mas aceitou a explicação deles. No momento, havia questões mais importantes para cuidar. O comportamento estranho de John poderia ser abordado mais tarde, se chegasse a ser abordado.

"Estou correto ao deduzir que você pisou em uma substância bastante estranha enquanto vinha para cá?", Perguntou seu anfitrião.

"Sim, sinto muitíssimo. Era extremamente difícil ver o caminho durante a noite." Ao notar o olhar sombrio voltando para o rosto do médico, Elizabeth examinou suas palavras: "Sua criada fez o possível para tirar a maior parte para evitar que eu deixasse rastros pela casa. Lamento dizer que meus chinelos não chegaram bem, mas acredito que nada ficou sujo".

"Eu não estou tão preocupado com você sujando minha casa tanto quanto eu estou com você infectando-se. Essas vielas estão cheias de doenças. Mandarei preparar um banho para você. Sally vai ajudar. Queimaremos essas roupas, as que encomendei para você chegaram ontem. Escolha um traje de viagem adequado depois de se limpar e me encontre na sala de jantar. Devemos ter uma refeição leve antes de irmos para as docas." Ele levantou-se para sair, "Eu imploro que você não perca tempo, minha querida criança. Não tenho dúvidas de que eles estarão procurando por você na primeira luz da manhã. Devemos nos apressar se quisermos executar isso".

Felizmente para todos os envolvidos, Elizabeth não discutiu a totalidade de seus planos com Madeleine e a identidade do Dr. Jameson foi poupada. Conhecendo o médico como achava que conhecia, ela tinha certeza de que ele não teria seguido com seus planos se tivesse percebido

que ela já estava casada com o mesmo homem que ela buscava sua ajuda para escapar. Ela decidiu que era melhor manter esse fato em segredo até depois de partirem para as colônias emancipadas.

2

Stephen inclinou-se contra o parapeito desgastado do navio e fez uma nota mental de sua necessidade de manutenção enquanto observava a costa inglesa se transformar em uma linha minúscula e fina que parecia prestes a desaparecer na borda das águas do oceano. Era bom estar de volta ao mar aberto, mesmo que fosse em circunstâncias infelizes. Navegar sempre o fazia sentir-se livre e vivo. Era um sentimento que ele ansiava, especialmente após o sofrimento e os traumas dos últimos meses.

O abafamento da sociedade londrina contrastava fortemente com a liberdade de sua vida nos rudimentares e recém-formados Estados Unidos. Mesmo que não soubesse da viagem da esposa ao novo mundo, eventualmente ele teria retornado para lá. As atitudes ultrajantes de sua esposa lhe proporcionaram a desculpa para fazê-lo antes, e com as bênçãos de seu pai.

Após ser convocado pelo pai doente, Stephen voltou para a Inglaterra imediatamente, embora com relutância. Os assuntos da propriedade de sua família estavam em desordem e ele era requerido em casa para ajudar. O duque estava indisposto e seus médicos não conseguiram diagnosticar a causa de sua doença respiratória que piorava cada vez mais. Para aumentar o transtorno, o capataz, senhor Eversmith, sofreu uma queda trágica de sua montaria enquanto perseguia caçadores furtivos de suas

terras e morreu com o pescoço quebrado. Com seu pai acamado e a morte do capataz, as terras e a gestão da propriedade estavam em extrema necessidade de atenção. A carta de sua mãe implorou-lhe que se apressasse em voltar e assumir os deveres de seu pai como o duque de suas extensas terras, mesmo que ainda não tivesse herdado o título.

Preocupado com o fato de seu filho ainda estar solteiro e a possibilidade de que ele não visse o nascimento do futuro de sua linhagem, o duque informou-se sobre jovens moças elegíveis para seu filho. Ele finalmente decidiu pela filha de Sir Thomas Nottingham.

Apesar de ter nascido filho de um comerciante, Nottingham tinha sido um médico distinto que chamou a atenção do rei e recebeu um título e uma fortuna. Ele também conseguiu casamento dentro de uma família antiga e de renome, diminuindo consideravelmente o tormento causado por sua origem menos do que nobre. O que quer que a menina carecesse de pedigree, ela compensava com sua delicada e aristocrática beleza e considerável dote. O Duque foi levado pela forma que o cabelo escuro e indisciplinado emoldurava seu delicado rosto oval acentuando seus olhos violetas profundos, maçãs do rosto proeminentes e lábios grossos e exuberantes. Ela mostrou conhecer bem as normas de etiqueta, exibindo-se sempre como uma dama recatada e bem-criada, sempre que estava em público. Embora de constituição frágil, ela parecia

suficientemente saudável. Averiguações não forneceram relatos de doença de sua parte. Sim, Elizabeth Nottingham seria um bom acréscimo ao legado do duque, muito bom na verdade.

Junto com a identidade da noiva escolhida, o pai de Stephen forneceu-lhe uma breve história de sua família. Como único herdeiro sobrevivente do negócio mercantil da família que Thomas Nottingham herdou em uma tenra idade, depois que sua mãe, pai, irmã e irmão foram atingidos por uma doença arrebatadora que tomou conta de seus corpos e tomou posse de suas vidas tão rapidamente, que não havia tempo para diagnosticar, e muito menos tratar a horrenda aflição. Quando Thomas retornou de uma viagem de compras, ele descobriu que era, não apenas órfão, mas o novo proprietário de um negócio com o qual ele pouco se importava. Deprimido, ele decidiu vender o negócio e estudar medicina. Ele estava decidido a se tornar o melhor na área médica para que pudesse ajudar a evitar que o que acontecera com sua família acontecesse com outros. A escolha de sua vocação provou ser uma decisão muito sábia. Qualificado como médico e ávido para progredir na vida e tornar-se digno de ficar ao lado da mulher que descera em sua posição social no dia em que concordara em ser sua esposa, Thomas conseguiu atrair o olhar e o carinho do rei o suficiente para receber a concessão de um título de nobreza e uma propriedade bastante extensa. À isso, ele acrescentou sua própria considerável herança. Por esse patrimônio,

Elizabeth aguardava receber uma fortuna respeitável no dia de seu casamento. O duque achou que esses fatores superavam o desafiador escândalo do casamento de seus pais.

A descrição que o conde fez de Lady Elizabeth para o duque era a de uma mulher jovem e obediente que fora bem educada nas graças sociais e eventos mundanos. Embora ele às vezes visse uma personalidade forte ocasional, não adequada de uma dama - sem dúvida herdada do lado comum de seu pai - ele estava certo de que fora bem influenciada pela sociedade decente e educada o suficiente para ser uma esposa modelo, mãe e chefe de família para compensar qualquer resíduo indesejável que pudesse ter permanecido por sua origem comum.

Stephen pensou em dizer ao pai que desenvolvera uma proximidade com uma dama da sociedade nas colônias. Ela era de uma marcante beleza sulista, da plantação mais próxima da sua na Geórgia. Ele a achava espirituosa e também adorável aos olhos. Ele estava considerando cortejá-la antes de ser convocado para voltar para casa. Chegou a pensar em cortejá-la, apesar da convocação.

Depois de muito pensar, ele decidiu contra isso. Ele sabia que, uma vez que seu pai tomasse uma decisão de tal magnitude, ele não estaria propenso a mudá-la. Havia também o fato de que, apesar de não ser do pedigree mais puro, Lady Elizabeth Nottingham ainda era de uma posição mais alta e muito mais aceitável para o gosto da sociedade

britânica do que a senhorita Paulette Moore. Isto era algo que um futuro duque precisava ter em mente.

Stephen suspirou e se preparou para o inevitável. Ele teria que desviar suas atenções do calor ardente de sua linda e encantadora bela do sul, que ele havia desenvolvido apreço, para a fria indiferença de uma senhorita inglesa, certinha e adequada, de quem ele nada sabia, mas de alguma forma passara pelo escrutínio de seu pai o suficiente para ser escolhida como sua noiva. Uma obrigação que custaria um pouco para se acostumar.

Muito consciente de que nem a descrição do conde, nem a de seu pai incluía beleza, Stephen apelou para ter permissão de vê-la em algumas ocasiões, sem que ela soubesse das núpcias pretendidas. Ele explicou que desejava vê-la em seu próprio elemento, quando ela não estava, necessariamente em seu melhor comportamento, o qual uma mulher estaria ao ser cortejada por um homem. Para si mesmo ele admitiu que, se ela não fosse atrativa - o que ele supôs que não era - ele gostaria de estar preparado para esse fato e ter tempo para se adaptar ao sacrifício que faria para o bem de sua família. Isso também lhe proporcionaria a oportunidade de descobrir o que na jovem moça deu a seu pai motivo para ignorar seu pedigree menos do que perfeito e dar-lhe aceitação na família. Era um enigma que pesava muito sobre ele.

Se ele não estivesse ausente da sociedade londrina há tanto tempo, Stephen teria tido conhecimento da beleza rica

e exótica de Lady Elizabeth e testemunhado seus modos impecáveis e etiqueta perfeita durante os muitos eventos que ela esteve presente desde que debutara. Levando em consideração os dez anos que Stephen estivera longe da sociedade londrina residindo em uma terra primitiva, o conde Roberts fez sua vontade e concedeu seu estranho pedido. Além disso, havia a questão do contrato conjugal a ser elaborado antes que eles pudessem pensar em fazer tal anúncio publicamente. Um casamento era um sério empreendimento comercial e não podia ser apressado. Ele permitiria a Lord Carlson o tempo que ele pedira para observar sua sobrinha, embora fosse um pedido estranho.

Stephen foi convidado para vários eventos onde conseguira interagir com Elizabeth. Embora sua jovem noiva fosse muito mais reservada do que sua ardente e bela do sul, senhorita Paulette Moore, ela ainda mostrava um entusiasmo caloroso e inocente pela vida o qual Stephen não esperava e estava extremamente satisfeito por descobrir. Como um bônus, e muito para seu alívio, ele descobriu que sua beleza superava a de qualquer uma das mulheres que ele já havia visto, incluindo a senhorita Paulette.

Durante todas as suas viagens, ele nunca vira essa combinação de pele de porcelana, bochechas rosadas, olhos de um violeta profundo e abundantes cabelos escuros, em um pequeno e perfeitamente proporcional corpo feminino. O fato de que ela parecia frágil, mas saudável, só serviu para torná-la ainda mais atraente.

Ele a achou irresistível.

Foi necessária toda sua força e controle para se segurar e não declarar seu amor por ela no momento em que eles foram apresentados na festa de Molly Regent. Sabendo que ela era sua noiva, ele lutou veementemente contra o ciúme que crescia dentro dele cada vez que a via dançar com os cavalheiros mais elegíveis do salão. Nunca antes ele achara suas emoções tão difíceis de controlar.

O prazer tortuoso de estar sentado tão perto de Elizabeth durante a ópera que a Condessa Westbury o convidara, quase provou ser a destruição de Stephen. Depois de alguns olhares roubados na direção da condessa, ele poderia jurar que pegara um olhar fugaz de diversão no rosto graciosamente maduro da condessa antes que ela o controlasse. Estaria se divertindo às suas custas? Ela percebera sua tortura? Seria de se esperar vindo da entediada aristocracia que sempre buscava pequenas diversões para ajudá-los a passar seus dias.

Os termos das negociações do casamento com o conde eram decididamente mais complexos do que Stephen esperaria. Ele ouvira boatos aqui e ali que o Conde Roberts achava problemático e tedioso cuidar de sua sobrinha. As más línguas insistiam que o conde preferiria assumir o cuidado de seu sobrinho e ser poupado de sua sobrinha. Quando suas negociações com Stephen se mostraram favoráveis ao futuro bem-estar da sobrinha, foi uma grande surpresa.

Embora as exigências do conde fossem justas e adequadas, elas levaram algum tempo para serem organizadas. Isso causou um atraso no anúncio das núpcias pretendidas, o que era algo que Stephen achou terrivelmente difícil. Ele preferiria que Londres soubesse que a bela Lady Elizabeth logo lhe pertenceria. Ele queria particularmente exibir esse fato para os cavalheiros conquistadores que se reuniam em torno dela em todos os eventos públicos em que participava.

Stephen achou suas reuniões com Lord Roberts difíceis de suportar sabendo que Elizabeth estava em algum lugar sob o mesmo teto. Ele lutava contra o desejo ardente de estar sentado em sua companhia e teria concordado com qualquer coisa para encurtar as reuniões e ficar livre para procurá-la. Muito para o deleite do conde, ele praticamente concordou.

Era comum que as mulheres buscassem a companhia de Lord Stephen Carlson e ele achava fácil entretê-las. Foi por esse motivo que ficou tão frustrado quando finalmente teve a oportunidade de ficar sozinho com a bela Lady Elizabeth e não conseguiu invocar seus atributos masculinos. Ele a achava encantadora e delicada; como um pássaro exótico. Por algum motivo desconhecido, ele não conseguiu livrar-se do medo de que seu pássaro exótico pudesse voar para longe. O efeito geral dela sobre ele era avassalador e ele, inevitavelmente, se tornou embaraçosamente e incomumente aquecido e sem palavras.

Poucos minutos depois de sentar-se junto a ela, toda sua perspicácia e dom de conversação o deixaram. Frustrado por seu comportamento juvenil, ele se viu arrumando desculpas para encurtar sua estadia e escapar para o acolhedor abraço do ar fresco do lado de fora.

Imediatamente após seu primeiro encontro com Elizabeth, ele percebeu o quão ridículo fora seu pedido de manter o arranjo em segredo. Ele a amara desde o momento em que colocara os olhos sobre ela. Quando o conde finalmente o surpreendeu e anunciou seu noivado durante o jantar íntimo, o coração de Stephen quase saltou de seu corpo com entusiasmo e antecipação. Sem pensar, ele colocou a mão sobre a dela em aberta demonstração de carinho.

O frio úmido da pele aveludada de Elizabeth quando ele envolveu a mão dela com a sua própria foi a primeira indicação de que talvez a bela e delicada Elizabeth não estivesse tão feliz com a união pretendida como ele. Foi como um balde de água fria jogado no rosto dele. Ele nunca esperara que ela não desejasse uma união com ele. Era o objetivo de toda mulher fazer um bom casamento. Ele estava tão acostumado com as mulheres praticamente se atirando sobre ele em busca de casamento, que a possibilidade de uma mulher que não quisesse se casar com ele nunca, sequer cruzara sua cabeça.

Ele se amaldiçoou por atender seu próprio egoísmo e não cortejar Elizabeth da forma adequada desde o início.

Mesmo que não soubesse mais nada, ele estava certo de que uma mulher esperava e desejava ser cortejada e levada a amar seu futuro marido. Mesmo aqueles que estavam em casamentos sem amor que iam mal, em algum momento apreciaram os prazeres de um galanteio. Seus medos egoístas haviam negado a essa linda mulher uma das experiências mais importantes da vida de uma mulher. Ele lamentava imensamente. Com toda a intenção de recompensá-la, Stephen fez um voto silencioso de cortejá-la pelo tempo restante de seu breve noivado.

Como o pai de Stephen estava gravemente doente, o médico mostrou preocupação em mais de uma ocasião que, se ele não melhorasse em breve, a morte seria mais provável. Por isso, o casamento foi definido para menos de quarenta e cinco dias a partir do anúncio, fornecendo tempo suficiente apenas para que os proclamas fossem lidos, o vestido de casamento de Elizabeth fosse feito pela melhor costureira em Londres e um cardápio a ser planejado pelos melhores cozinheiros e confeitores da cidade. Lord Cyrus Roberts pode não ter se preocupado com a felicidade de Elizabeth, mas certamente controlou sua própria reputação com muito cuidado. Portanto, apenas o melhor dos melhores seria permitido para criar um casamento que seria o assunto da sociedade londrina nos próximos meses.

Infelizmente, antes que Stephen pudesse começar a cortejar Elizabeth, suas intenções foram interrompidas. Suas oportunidades foram severamente prejudicadas quando a

saúde de seu pai teve uma grande piora. As exigências para o bem-estar da propriedade de sua família, que foram colocadas sobre o recém-comprometido Lord Carlson, eram tantas que ele encontrou pouco tempo para qualquer outra coisa que não fosse cuidar dos assuntos comerciais.

Infelizmente, suas visitas à Elizabeth eram poucas e espaçadas. O que piorou a situação foi como sua contínua e irritante timidez prejudicava sua capacidade de expressar seus pensamentos e sentimentos sempre que ele achava tempo para estar na companhia dela.

Mesmo que o pedido súbito do conde de um casamento rápido e silencioso tenha pegado Stephen e sua família de surpresa, no geral, foi bem recebido. Seu pai estava muito ansioso para ver, antes de morrer, seu único filho e herdeiro de sua fortuna e título casar-se satisfatoriamente, e Stephen estava igualmente ansioso para tomar essa deusa bela e exótica, Elizabeth, como sua esposa. O noivo e sua família ficaram mais que felizes em aceitar.

Mesmo assim, as razões para o casamento apressado giravam na cabeça de Stephen, enquanto ele estava parado na acolhedora e antiga capela, com apenas alguns dos seus parentes mais próximos, e observava Elizabeth lentamente percorrer o corredor até ele. Uma vez que seu noivado, para começar, não fora longo, ele estava certo de que algo estava errado para causar esse encurtamento inesperado.

Stephen franziu a testa enquanto captava a visão da beleza que agora estava tão perto que ele podia se deleitar

com seus aromas doces e deliciosos. Fora roubado dela os prazeres de um namoro apropriado e agora seu direito de experimentar um casamento de sonho fora esmagado. Ele fez o seu melhor para olhar através dos fios prateados do denso voile branco que cobria sua beleza. Ele podia ter sido um homem que apreciava e respeitava os costumes, mas neste momento particular ele desejava que tivessem dispensado o costume do véu. Deveria haver uma lei contra cobrir tal beleza, até mesmo pelo mais breve dos momentos.

O fato de Elizabeth estar usando o mais moderno em cores de vestido de casamento não passou despercebido. Ela parecia uma miragem em suas ondulantes camadas do elaborado cetim branco adornado com pérolas cor de creme. Ela decidira contra as modernas almofadas de quadril, optando pelas anquinhas mais antigas e tradicionais sob suas saias; criando um balanço um tanto natural quando ela lentamente caminhava pelo corredor. Eles podiam ter eliminado o casamento grandioso, mas pelo menos conseguiram adquirir o vestido perfeito. Certamente esse fato agradou a sua bela e jovem noiva.

Sua carranca se aprofundou quando ele pensou sobre a associação social da cor de seu vestido. Embora o branco fosse a última tendência da moda, um vestido de casamento branco também pretendia retratar a virgindade e a inocência. Por um tempo, a igreja ficou alvoroçada sobre expor abertamente o que deveria ser mantido em privado, mas com o mundo da moda e a mentalidade social insistindo

nela, a igreja finalmente se acalmou e aceitou a nova tendência.

A virgindade de Elizabeth poderia ser um fator para apressar este casamento? Afinal, o casamento fora inesperadamente e mais ainda, urgentemente adiantado em vários meses e praticamente sendo mantido em segredo. Eles nem sequer completaram a leitura de seus proclamas. Essa falta de conclusão da leitura dos proclamas era uma preocupação que Stephen expressara. O conde o assegurara de que era um pequeno problema que eles podiam contornar enquanto ele encorajava o jovem lorde a avançar com o casamento. A determinação do conde de casar sua sobrinha com tanta rapidez só poderia significar uma coisa. A dama estava vestindo branco falsamente e provavelmente esperava um bebê.

Embora a ideia de que outro homem tivesse desfrutado do que ele desejava para si mesmo e tivesse plantado sua semente em suas profundidades aveludadas fosse difícil de suportar, Stephen fez o melhor para olhar para além disso. Ele era, afinal, um homem do mundo e, portanto, deveria entender essas coisas. As portas fechadas da sociedade londrina não promoviam necessariamente a castidade em suas mulheres como se poderia assumir. Uma vez que ele se tornara noivo dela, há poucas semanas, ele aceitaria suas indiscrições como ações de uma garota tola que cresceu sem a orientação adequada que uma mãe teria normalmente fornecido. Não se podia esperar uma governanta que era

quase da idade da sua protegida desse à menina a mesma orientação que uma mãe poderia dar. Quanto ao tio... ficou claro desde o começo que ele nem estava preparado, nem desejava a tarefa.

Suspeitando que algo estava errado, Stephen se dedicou a uma breve discussão com o conde sobre a possibilidade de Elizabeth ter experimentado um interlúdio e a necessidade de se casar tão grande que mesmo um atraso de um dia não serviria. Ele expressou claramente que, embora ele satisfizesse o conde com seu pedido, se sua sobrinha estivesse esperando um bebê, ele se reservaria a opção de enviar a criança para os cuidados do conde. Stephen não apenas achava que não deveria se importar com o resultado do erro de uma menina tola devido a uma supervisão imprópria por seu tutor, como também havia a possibilidade de uma criança do sexo masculino nascer. Certamente, o conde percebeu que seria impossível para ele reivindicar uma criança como sua quando as leis exigiam a fortuna da família para o primogênito do sexo masculino. Afinal, seu propósito principal para se casar com Elizabeth era produzir um herdeiro para continuar a linhagem de sua família. Claro, algo de natureza tão delicada não seria abordado profundamente até que o sexo da criança fosse conhecido.

Embora fosse óbvio que o conde tenha se incomodado pelas suposições de Stephen, sua forma de conversar e o insulto à sua tutela, ele concordou com facilidade. Seu

desejo de se ver livre de sua sobrinha parecia extremamente aguçado.

Agora, ao ver sua noiva tão encantadora e tão próxima, seu corpo tremia de antecipação. Stephen lamentou suas palavras com o tio dela. Não importava se Elizabeth estivesse grávida. Não importava que tivesse feito algo inapropriado. Tudo o que importava era que ela seria sua. Ele estava casando com a mulher mais doce e bela do país. Não... do mundo. Isso era tudo o que importava. Tudo o que ele tinha que fazer era livrar-se de seu tolo e estranho nervosismo sempre que ela estava perto e a vida seria perfeita.

Embora Elizabeth nunca expressara como tal, suas ações tornaram-se dolorosamente claras durante seu breve noivado e cerimônia de casamento igualmente breve que ela não desejava o casamento com ele. Supondo que seu coração estivesse capturado pelo pai da criança que se desenvolvia em seu ventre, Stephen ignorou a frustração óbvia dela e resignou-se com a possibilidade de que o deles fosse provavelmente um dos típicos casamentos arranjados. Tais casamentos eram muito comuns na sociedade londrina. Embora ele rezasse para que um dia ela o amasse, ele esperava que, pelo menos, se arranjassem o suficiente para serem amigos. Afinal, os laços de uma verdadeira amizade podem se mostrar bastante gratificantes. Ele se arrependeu de sua arrogância e pressuposições irrefletidas quando se lembrou de sua noite de núpcias.

Pensando que não estava lidando com uma virgem, seu único foco em mente era possuí-la completamente e apagar qualquer vestígio do homem que provara seus prazeres antes dele. Para adicionar à situação, ele encheu-se de bebida durante a recepção como uma precaução contra esse amaldiçoado nervosismo que sempre surgia na presença dela. Não adiantaria se seu corpo falhasse durante a consumação das núpcias.

Ela lutou contra ele, é claro, mas era de se esperar. Eles eram, em sua maior parte, estranhos e ela fora forçada a se casar com ele quando amava outro. A curiosidade pela identidade do amante dela entrou em sua mente apenas rapidamente antes de seu desejo inflamado por sua noiva assumir o controle. Não importava que ela resistisse. Ele estava certo de que ela mudaria de ideia depois de algumas noites na cama e esqueceria tudo sobre o homem que ela deixara para trás. Ele era, afinal, um amante muito habilidoso.

Se ao menos ele não tivesse sido tão tolo e bebido tanto durante a pequena, mas elaborada recepção.

Ela permaneceu ao seu lado como uma esposa recém-casada deveria na maior parte da noite, desculpando-se apenas para cuidar de suas necessidades. Como de costume, a proximidade fez suas emoções correrem desenfreadas. Ele queria mantê-la próxima e sussurrar que ela era a mulher mais linda que já havia visto e declarar como ele a amara desde o momento em que a conhecera, mas sua língua não

cooperaria. As suas entranhas doíam com uma antecipação dolorosa. Ele teria dado qualquer coisa pela oportunidade de tomá-la ali mesmo, mas a etiqueta social os mantinha separados.

Enquanto ele permanecia alterado por dentro pelas torturas de sua proximidade, embora calmo por fora para que todos os olhos vissem, os presentes elogiavam o lindo casal que eles faziam. Stephen dificilmente poderia suportar isso. Ele viu apenas um recurso para um homem que sofria assim.

Beber.

Então, ele bebeu.

Quando ele finalmente viu-se sozinho com sua linda noiva na casa recém-adquirida e estava livre para adulá-la com suas declarações de amor sem o risco de uma sala cheia de ouvidos atentos, sua mente estava, como era de se esperar, entorpecida pelo champanhe e conhaque. Ele era incapaz de articular uma única palavra. Seu corpo, por outro lado, ganhou vida com vontade própria. Frustrado por sua inabilidade de fala e incapaz de manter seus desejos sob controle, ele não desperdiçou tempo e levou sua noiva para a cama, reivindicando sua doçura para si.

Aquele foi um ato que se arrependeria pelo resto de sua vida.

Se a mente de Stephen não estivesse tão confundida pelo álcool, ele teria percebido que sua noiva não estava lutando contra ele com todas as suas forças por causa de

seu amor por outro homem. Ela estava lutando por medo e confusão sobre o que estava acontecendo com ela.

Se os sentidos de Stephen estivessem mais alerta, ele teria reconhecido que sua delicada flor não fora instruída sobre o que acontecia entre marido e mulher. Ele teria percebido que ela precisava ser persuadida e acariciada para levá-la a um estado de aceitação do que estava prestes a ocorrer antes de mergulhar profundamente sua masculinidade em suas profundidades aveludadas tão sem cerimônia.

Se Stephen estivesse sóbrio, ele teria notado a resistência que seu corpo virgem lhe dava.

Infelizmente, Stephen não estava sóbrio.

Ao acordar na manhã seguinte com uma cabeça que parecia ter sido golpeada com um machado. Ele ficou imediatamente mortificado por sua insensatez ébria. Seu coração se contorceu e ele encheu-se de remorso quando ele se levantou em um cotovelo e olhou para a sua noiva, que ainda estava dormindo presa sob seu corpo. Os olhos de Elizabeth estavam inchados e vermelhos de uma noite cheia de lágrimas e os restos de seu fino vestido estava todo distorcido. Na pressa de possuí-la, Stephen nem sequer tomou o tempo para removê-lo e poupar a seda habilmente costurada de sua devastação. Desnecessário dizer que o vestido fora arruinado.

Era dolorosamente claro que ele desmaiara em cima de seu pequeno e formoso seio, após a conclusão de sua

consumação. Se não fosse pela suavidade do colchão de penas abundantes, seu corpo musculoso certamente teria esmagado a estrutura pequena e delicada dela. Quando Stephen moveu-se para o lado da cama os sinais inconfundíveis de que ele, impetuosamente, tinha feito sexo com uma virgem cobria o vestido de Elizabeth e os lençóis da cama, bem como partes de seu próprio corpo. Ele gemeu, nauseado por suas próprias ações.

Nunca antes ele tinha sido tão brutal com uma mulher - nem mesmo com as prostitutas com as quais ocasionalmente dormia. Como ele poderia ter sido tão idiota para se permitir beber tanto? Como ele poderia ter sido tão animal, tão monstro? O que Elizabeth Nottingham tinha que o fizera agir fora de si?

Stephen achava a experiência de uma sedutora disposta muito mais compatível com seus gostos e, portanto, nunca dormira com uma virgem. Mesmo assim, ele sabia que elas precisavam ser tratadas de forma muito diferente da maneira como ele tratara sua pobre jovem noiva. A lembrança de sua batalha era um borrão confuso. Pelos machucados de sua carne macia, os olhos inchados, o vestido rasgado, os lençóis manchados e os arranhões no peito dele, ele estava certo de que a tratara mais como uma prostituta do que uma noiva. Não, pior do que uma prostituta. Ele não disse palavras suaves nem aliviou seus medos. Mesmo uma prostituta teria recebido essa cortesia. A luxúria desenfreada que Stephen trabalhou tanto para

controlar levou a melhor sobre ele. O fato de ela ter sido liberada pelo excesso de álcool amplificou a situação.

Envergonhado e constrangido por suas ações bárbaras, ele debateu sobre o que fazer. Como ficou claro que ela não estava amuada pela perda de um amante, ele só podia assumir que sua noiva simplesmente não o achava atraente o suficiente para querer se casar. É claro que depois da noite anterior, ele mal podia esperar que ela gostasse dele o suficiente para ser sua amiga, e muito menos amá-lo.

Entregando-se ao seu destino autoimposto, Stephen decidiu dormir com ela até que ela engravidasse. Então ele a deixaria em paz e permitiria que ela vivesse como o resto da sociedade londrina parecia viver. Ele não tinha vontade de se forçar a uma mulher que realmente o achava repulsivo mais do que ele tinha a obrigação de fazer. Se não fosse pelo fato de que ele deveria produzir um herdeiro, ele teria se afastado e nunca mais a tocado.

Ele suspirou. Aquele era o destino da aristocracia. Certamente Elizabeth compreendia isso. Ela pode não ter tido uma mãe para instruí-la, mas era uma dama de nascimento e criação e algumas coisas eram simplesmente de conhecimento comum. Ela teria que suportar dormir com ele até que a linhagem da família estivesse assegurada e, então ele iria libertá-la. Ela poderia permanecer em Londres e ele viajaria entre sua propriedade na Inglaterra, sua fazenda na Jamaica e sua fazenda na Geórgia. Certamente

ela seria tolerante com as raras visitas que esse tipo de arranjo lhe permitiria.

A única falha no plano de Stephen - além do fato tortuoso de que ele a amava - seria se o primeiro filho que Elizabeth tivesse fosse uma menina. Se isso acontecesse, ele teria que permanecer na Inglaterra e deitar-se com ela até um herdeiro ser apresentado.

Ele se preocuparia com isso mais tarde.

Stephen evitou Elizabeth o dia todo. Ele estava muito envergonhado para olhar para ela, quanto mais entrar em uma conversa. Se aconteceu de seus caminhos se cruzarem e eles tiveram a necessidade de dirigir-se um ao outro, o mínimo foi falado.

Quando a noite chegou e ele voltou a entrar em seus aposentos, ele a encontrou relutantemente encolhida no meio da cama com as coberturas ricamente bordadas puxadas com força ao redor de seu pescoço. Sua jovem noiva parecia pequena, inocente e assustada em um colchão que parecia espaçoso o bastante para que todos os seus criados dormissem.

Ele gemeu com remorso por sua própria estupidez. Se não fosse esperado que ele engravidasse Elizabeth imediatamente pelo bem de seu pai doente, ele teria deixado o quarto e lhe permitido a paz que seus olhos violeta intenso claramente imploravam. Se ao menos seu pai não estivesse tão doente, ele poderia adiar as coisas e dar tempo para ela

se recuperar do fiasco da noite de casamento. Na verdade, ele também teria apreciado algum tempo para a memória e a culpa de sua entrega bêbada se dissipar.

Stephen fez o melhor para evitar o olhar assustado de Elizabeth enquanto ele atravessava o quarto e servia uma grande quantidade de conhaque em uma taça de cristal de haste reta, detalhes intrincados e de boca larga.

Os olhos arregalados dela nunca o deixaram.

Engolindo o líquido âmbar o mais rápido que pôde, ele tomou outro, e depois outro. O relaxamento se espalhou por seu corpo quase que instantaneamente, enquanto o calor do conhaque atingia seu estômago. O poder artificial correu por suas veias, dando-lhe a coragem que ele precisava para encará-la.

Olhando na direção de Elizabeth, ele despejou uma pequena quantidade em outro copo e caminhou até a cama.

Encolher-se o mais longe de seu marido que ela era capaz e ainda manter o lençol sobre seu corpo delgado provou ser impossível. O peso do corpo dele enquanto ele se sentava na beira da cama atirava-a para mais perto e as cobertas já não a guardavam como faziam antes. Sua camisola escorregou, expondo seus ombros sedosos, enquanto ela lutava para recuperar a compostura.

Distraidamente ele traçou a pele exposta ao longo de seu colo com um dedo quando lhe ofereceu o conhaque. Seus pensamentos lutaram com sua lúgubre antecipação do que estava por vir. Ela era tão adorável, tão delicada e

bonita. Seu corpo respondeu por conta própria. Ele disse a si mesmo que seria diferente desta vez. Ele consumiu conhaque apenas o suficiente para abrandar seu nervosismo infantil, não para deixa-lo bêbado. Ele estava em total controle agora e se moveria devagar, sensualmente. Ele iria cortejá-la e mostrar-lhe o que era ser amada por um homem. Ele apagaria a lembrança da noite anterior com seus beijos e seu toque suave.

"Beba isso. Vai relaxar você," disse Stephen suavemente.

"Eu não quero beber." Elizabeth rebateu nervosa.

Ela talvez não conhecesse bem o marido, mas conversara com ele o suficiente durante os meses para perceber um leve arrasto na voz do belo homem e se perguntou o quanto ele havia bebido antes de entrar em seus aposentos e consumir metade de uma garrafa de conhaque bem diante de seus olhos. Era óbvio que Stephen não gostava de deitar-se com ela tanto quanto ela não gostava de deitar-se com ele.

"Hoje você bebe", Stephen ordenou com um pouco mais de força do que ele pretendia.

Ao ver os olhos de Elizabeth abrirem-se de medo, ele suspirou profundamente. Isso não estava indo bem. Ele não tinha experiência cortejando uma mulher relutante. Se ao menos ela pudesse gostar dele só um pouco. Isso seria muito mais fácil... e prazeroso. Ele queria ir embora e deixá-la em paz. Ele sentia-se perdido no que fazer ou como agir.

Respirando fundo, ele continuou de uma forma menos abrupta: "Por favor, beba isso. Vai relaxar você só um pouco".

Elizabeth ergueu o queixo em desafio: "Eu não quero..."

"Beba", ele falou frustrado com uma voz controlada que era não mais que um sussurro.

Stephen achou a situação toda incrivelmente frustrante.

Ele não estava preparado para lidar com uma mulher que o resistia dessa maneira, noite após noite. Ele não tinha ideia de como ele deveria estar agindo. O fato de Elizabeth obviamente sentir repulsa por ele quando ele não queria nada além de se deitar com ela para sempre o surpreendeu, enfureceu e devastou.

Elizabeth ficou atônita com a repentina demonstração de agressividade de seu marido. Com que tipo de homem tinha se casado? Seu tio assegurou-lhe que era um jovem bem-educado que viera do melhor dos melhores. Ele poderia prover para ela e seus filhos melhor do que a maioria dos maridos poderia. Ele parecia tão quieto e, bem... tolo durante seus breves momentos juntos. Ele certamente conseguiu enganar as pessoas ao esconder esse lado horrível de sua natureza de forma bastante eficiente. Ninguém nunca adivinharia esse lado de sua personalidade quando ele estivesse em seu estado normal. Nunca.

Não era nenhum segredo que Lord Stephen Carlson era o solteiro mais cobiçado na sociedade londrina. A boa sorte dela foi apontada por mais de uma pessoa em muitas ocasiões. Se eles soubessem sobre seu problema com bebida, pensariam tão bem dele?

Foi realmente uma boa sorte? Lembrando o ataque de Stephen bêbado sobre sua carne macia e inocente na noite anterior, e agora ouvindo sua maneira agressiva, fez Elizabeth se questionar quão afortunada ela realmente fora em se casar com o solteiro mais cobiçado na sociedade londrina.

Tendo observado ele beber muito mais em um curto período de tempo do que o recomendado durante uma noite completa, ela chegou à conclusão que teve o infortúnio de ter se casado com um bêbado. Ela ouvira rumores sobre essas coisas. Ele bateria nela agora? Ela rezou por um adiamento até que ela e o médico pudessem executar seu plano de fuga.

Pensando que seria melhor não provocá-lo, Elizabeth pegou o copo e, sem cerimônias, jogou o líquido âmbar na garganta. Ela raramente encontrara motivo para beber conhaque. Nas poucas ocasiões que o fizera, ela achou bastante desagradável e raramente deixava mais do que algumas gotas tocarem seus lábios. Portanto, ela não estava preparada para o ataque agressivo que causara o fechamento de sua garganta. Caindo em um ataque de tosse e respiração difícil, ela lutou por ar.

Stephen puxou-a para perto e deu tapinhas em suas costas em um esforço para aliviar seu desconforto. O cheiro doce de lavanda que se misturava com os cachos pesados e abundantes de seus cabelos escuros encheram suas narinas, aguçando seus sentidos e tentaram suas entranhas. Ele gemeu em desalento quando a luxúria desenfreada se virou contra ele com uma inconfundível exigência para ser libertada. Era como uma besta selvagem que procurava a liberdade da sua jaula.

Stephen reuniu todas as suas forças para subjugar seus impulsos, ele tinha que dominá-los. Ele não tinha a intenção de repetir suas ações da noite anterior. Esta noite, ele iria devagar, com cuidado. Mesmo que sua esposa não o desejasse, ela poderia, pelo menos, aproveitar a experiência. Ele satisfizera mulheres suficientes para saber que a mente não exigia amor para que o corpo pudesse se divertir.

Percebendo suas intenções, Elizabeth empurrou Stephen com todas as suas forças lutando para libertar-se. Ao fazê-lo, a alça frouxa de sua camisola caiu de seus ombros, expondo um seio pequeno e perfeitamente formado. Estaria esta deusa aparentemente inocente o torturando de propósito?

"Por favor. Não essa noite. Eu... estou dolorida"
Elizabeth choramingou em frustração.

Embora não quisesse irritá-lo, queria ainda menos repetir o pesadelo da noite anterior.

"Infelizmente, minha querida esposa, eu não conheço nenhuma maneira de evitar a dor. Eu asseguro-lhe que você não sentirá dor esta noite, como sentiu na noite passada, se sentir alguma dor." Stephen desviou o olhar e suspirou: "Se eu tivesse percebido teria feito as coisas de maneira diferente".

"Percebido?" Elizabeth não tinha ideia a que ele se referia.

"Não importa", Stephen sorriu. "Agora, remova sua camisola, por favor."

Elizabeth paralisou. Ele estava falando sério? Ele realmente esperava que ela tirasse suas roupas como uma mulher devassa? Certamente ele estava de brincadeira.

"Devo removê-la por você?" Stephen perguntou gentilmente.

Quando Stephen moveu-se para fazer exatamente isso, Elizabeth correu rapidamente para o outro lado da cama. Ela não tinha a intenção de expor seu corpo para esse bruto. Nem agora, nem nunca. Uma decisão repentina a atingiu e ela não estava mais preocupada se iria irritá-lo. Deixá-lo bater nela até que seu corpo estivesse coberto de hematomas. Certamente, a dor seria menor para suportar do que uma repetição da noite anterior.

Stephen pegou a borda de sua camisola e puxou em um esforço para subjugá-la. Ele não queria nada além de fazer desta noite uma experiência prazerosa para a jovem beleza exótica diante dele, mas sua repulsa por ele não

estava facilitando as coisas. Ele nunca tivera que forçar uma mulher a se deitar com ele. Ele achou a experiência degradante. Ele estava absolutamente perdido sobre o que dizer ou fazer.

"Nós devemos gerar um herdeiro", Stephen resmungou de frustração. Talvez se ele lhe explicasse a situação, ela se acalmasse. "Então, minha querida esposa, deixarei você em paz".

Elizabeth ficou parada. O que era aquilo que ela detectara em seu tom de voz? Poderia ser que seu marido achasse essa situação tão desagradável quanto ela? Ela não tinha levado em consideração o fato de que talvez Lord Stephen Carlson se casara com ela para satisfazer o pai e não por desejá-la. Não lhe ocorreu que ele tivesse sido forçado a se casar com ela, como ela fora forçada a se casar com ele. Foi por isso que ele bebera na noite de núpcias? Para ignorar o fato de ter que dormir com ela? Ele a achava tão indesejável?

Não tendo mãe para confiar e sem amigas casadas, Elizabeth não tinha certeza sobre o que realmente acontecia entre uma esposa e um marido. Ela assumiu que o que experimentara na noite anterior era um comportamento típico. Sendo esse o caso, ela não estava ansiosa para repeti-lo. Será que ele também estava relutante? Teria lhe causado dor como causara a ela? Eram coisas que ela não sabia e não tinha ninguém para perguntar. Ela certamente não iria perguntar a ele.

O pensamento de que os dois foram unidos contra a vontade deles nunca lhe passara pela cabeça. Até agora.

Percebendo que sua esposa estava profundamente pensativa, Stephen aproveitou seu estado desprotegido e alcançou seus ombros. Sua mão grande, desgastada, porém bem cuidada, mal agarrara seu vestido antes que ela se virasse, deixando-o com as mãos cheias de tecido. Quando ela puxou das mãos dele, o tecido fino e leve de sua roupa rasgou em sua costura meticulosa. Ele franziu o cenho. Não era sua intenção arruinar outro vestido. O que os criados pensariam? Se ele continuasse com isso, ele não teria que se preocupar em como tirar o vestido dessa criatura de tirar o fôlego porque ela não teria mais nada para vestir.

Em sua luta para libertar-se do aperto cada vez maior de Stephen, Elizabeth involuntariamente forçou uma excitação nele que ele não podia mais negar. Com uma boa quantidade de álcool percorrendo suas veias, toda sensibilidade e cautela foram perdidas quando seu corpo tomou o controle por vontade própria. Ignorando qualquer coisa que sua mente pudesse pensar para impedi-lo de satisfazer suas necessidades e desejos.

Seus lábios queimaram a pele dela, enquanto ele explorava seus tesouros femininos libidinosamente. Em segundos, ele recuperou o controle de seus sentidos e seu ato de amor transformou-se do de um animal agitado para as carícias suaves e sensuais de um amante mais habilidoso.

Stephen falara a verdade. A experiência não foi dolorosa para Elizabeth, como fora na noite anterior. Na verdade, suas carícias gentis eram tão incrivelmente agradáveis que ela tinha certeza de que se perderia em êxtase a qualquer momento. Sua mente ficou confusa. Ela deveria gostar disso assim? Ela deveria reagir ou deveria simplesmente lhe permitir seus prazeres como uma esposa obediente? Ela não fazia ideia.

Embora Madeleine tivesse se revelado mais que eficiente quando se tratava de sua educação sobre a etiqueta na sociedade, os deveres de uma esposa na gestão de uma casa e os assuntos gerais, nenhuma vez ela teve uma conversa de mulher para mulher com Elizabeth sobre maridos e esposas e o que acontece entre eles atrás das portas fechadas. O assunto parecia praticamente um tabu. Se fora de alguma forma comentado, foi com um sussurro escapado por trás de sua mão. Elizabeth atribuiu isso ao fato de que Madeleine nunca teve um namorado para beijar, muito menos um homem para se casar.

Acostumada a manter a guarda para não desagradar o homem da casa, Elizabeth concluiu que era melhor permanecer o mais parada que p enquanto o marido obtinha seus prazeres. Ela prendeu a respiração e fechou os olhos bem apertados e usou toda concentração que podia encontrar lutando para manter a postura sob controle. Foram necessárias todas as suas forças para reprimir os gemidos de prazer que ameaçaram escapar de sua garganta.

Não seria bom se o incomodasse com seus movimentos egoístas e gritinhos com essa experiência absolutamente incrível.

Imaginar que tinha que permanecer impassível e imóvel enquanto resistia a prazeres tão deliciosos para o resto de sua vida era esmagadoramente triste. Seria esse seu destino? Como as esposas ao redor do mundo faziam isso? Aquelas que o faziam recebiam sua humilde admiração, pois não achava que pudesse suportar isso noite após noite. Não era de admirar por que tantas mulheres incentivavam seus maridos a ter uma amante. Estar sozinha na cama seria um castigo muito menor do que a tortura de ter que subjugar uma das sensações mais prazerosas que um corpo poderia ter.

Elizabeth fez o seu melhor para remover seus pensamentos dos prazeres da carne, na esperança de que isso a ajudasse a manter seu comportamento calmo sob as carícias extremamente excitantes de Stephen. Ao fazê-lo, ela se viu lembrando a risada e a conversa prazerosa que acontecera entre os dois durante os muitos compromissos sociais que participaram simultaneamente. Ela lembrou o quão bonito ele parecia enquanto entrava na pista de dança no baile de Lord Milo. O riso rouco profundo causara tremores de prazer por seus braços e descia pelas costas no piquenique dos Andersen. Ela lembrou quão bem suas coxas musculosas ondulavam quando ele manobrou seu garanhão ao lado de sua carruagem ao sair do parque. Ele era um

homem bonito e viril, qualquer mulher ficaria muito feliz em chamar de seu. No entanto, ele era dela. Ele era dela e ele estava aqui fazendo as coisas mais maravilhosas com seu corpo enquanto sussurrava as mais maravilhosas devoções em seu ouvido. Ela o amava por isso. Ela o amava por tudo. Oh, céus, ela o amava.

O êxtase de perceber a verdade de seus sentimentos por

Lord Stephen Carlson entrou em confronto com o conhecimento de que ele se casara com ela por obrigação e nada mais. Ela estava profundamente esmagada. Ela amava um homem que não a amava. Sim, ele falou coisas carinhosas nos espasmos de paixão, mas certamente eram simplesmente palavras num momento de paixão. Ele não mencionou amor fora da união carnal. Ele deixou claro que uma vez que ela lhe desse um filho, eles não teriam mais nada a ver um com o outro. Que brincadeira do destino? Como Deus poderia ser tão cruel? Ela fora uma pupila obediente para seu tio e um modelo de jovem dama para a sociedade. Ela aceitou sua situação após a morte de seus pais com graça e dignidade. Tudo o que ela desejava em troca era uma coisa, uma única coisa... ser amada. Agora, seus sonhos de que isso acontecesse foram esmagados. Ela estava casada com um homem que não retornava seu amor. Ela não era uma tola. Ela ouvira conversas suficientes para entender que homens apreciavam as mulheres sem amá-las. Certamente o que devia estar acontecendo agora. Era

impossível para ele não apreciar as sensações de sua união, era? Ele certamente parecia estar se divertindo.

A situação era amarga demais. Graças a Deus, seus planos de fugir com o Dr. Jameson ainda estavam em andamento. O médico enviaria uma mensagem de que tudo estava em ordem em breve? Ela orou fervorosamente para que fosse assim.

Sentir o corpo rígido de Elizabeth embaixo dele, frustrou Stephen ainda mais. Após seu primeiro ataque lúgubre a ela, seus sentidos voltaram e ele fez o melhor que pôde para mostrar tanta ternura e consideração quanto pudesse. Certamente foi uma tarefa difícil. A beleza e os atrativos dessa mulher eram tantos que podiam levar um homem à loucura. Ninguém podia ser tão severo com ele por sua perda de controle ocasional.

Ele se ergueu e olhou para a estrutura delicada de Elizabeth enquanto ela olhava para qualquer outro lado menos para ele. Ela parecia tão pequena e vulnerável. Seus olhos estavam secos de lágrimas, mas preenchidos com o que parecia ser tristeza. Ele sentiu a mente dela preocupada. Será que ela queria estar longe? Ela achava tão desagradável assim estar com ele? Ele a enojava ao ponto de que ela não podia permitir que seu corpo relaxasse e desfrutasse suas habilidosas carícias de prazer? Ele nunca falhara em levar uma mulher ao auge da paixão, mas parecia que ele falhara agora... e com sua própria esposa.

Stephen pediu que Elizabeth concebesse um herdeiro logo, de modo que não seria mais obrigado forçá-la a ele. Tão linda como ela era, ele achou a situação repugnante. Havia muitas mulheres onde quer que ele viajasse, que estavam dispostas a se atirar sobre ele por apenas uma noite em sua cama. Ele não precisava nem desejava continuar retornando a uma mulher que recuava e permanecia como um pedaço de madeira embaixo dele, mesmo que ela tivesse capturado seu coração e ele a achasse a mais bela criatura que já encontrara.

Tendo sido convocado por seu pai para ajudar com questões da propriedade depois de apenas algumas semanas com sua esposa fria e sem paixão, Stephen esperava ficar fora por cerca de uma quinzena. Embora ele tivesse remorsos por deixar sua jovem esposa tão cedo sem ter conseguido remover a barreira fria entre eles, isso não poderia ser evitado. Sua fortuna e a herança de seu futuro herdeiro exigiam sua atenção imediata.

Ele questionou a dama de companhia selecionada de sua equipe por Elizabeth depois da demissão de Madeleine Hardy após sua traição - pelo menos era assim que Elizabeth via - acerca de seu ciclo feminino, ele sabia que ela estava esperando suas regras para breve. Ele teria gostado de continuar a ficar com ela durante as noites por pelo menos mais uma semana para fortalecer a possibilidade de produzir um herdeiro, além de romper essa concha de resistência e fazê-la perceber, entender, aceitar e responder ao seu amor.

Infelizmente, não havia nada a ser feito sobre isso. Se ele não tivesse conseguido gerar uma criança com ela ainda, ele simplesmente teria que começar de novo quando voltasse. Pelo menos isso lhe proporcionaria uma maior oportunidade para conquistá-la - para não mencionar mais tempo fazendo amor com ela.

Surpreendentemente, seus deveres na propriedade de seu pai levaram muito menos tempo do que Stephen antecipara e ele voltou para casa após apenas alguns dias de ausência. Aqueles poucos dias foram tudo o que precisou para sua relutante esposa escapar na noite e desaparecer. Ele nunca teria pensado que sua, socialmente adequada, Elizabeth fosse capaz de fazer tal coisa. A ideia de ser sua esposa era assim tão reprovável?

Inicialmente, ele se juntou ao pânico geral da casa enquanto eles especulavam sobre o que poderia ter acontecido com sua jovem senhora, mas depois de questionar Lord Roberts sobre a possibilidade de ele saber algo do paradeiro de sua sobrinha e descobrir que frustrar o plano original dela de fugir era a razão por trás de seu casamento apressado, ele rapidamente percebeu que a insistência do conde de um casamento precoce não tinha afetado nem um pouco os planos da sua sobrinha. Sua esposa não havia sido sequestrada ou levada contra a vontade dela. Estava claro que sua esposa linda e relutante fugira.

Furioso com as ações enganosas do conde, Stephen ordenou que ele permanecesse em silêncio sobre o que ocorrera. Ele estava certo de que o orgulho do homem o manteria assim. Afinal, ele ainda estava sofrendo - em sua mente, se não em outro lugar - da vergonha das ações de sua irmã há tantos anos. Stephen então aplicou uma manobra ao resto do mundo. Ele alegou que sua esposa ansiava por um tempo longe da cidade, assim eles teriam se instalado em uma pequena casa de campo que pertencia à sua família na parte superior do país e permaneceriam lá até que ela estivesse pronta para continuar sua lua de mel no exterior.

As pessoas sorriram e assentiram de acordo sobre quão afortunada Lady Elizabeth era por ter garantido um marido tão amoroso. Poucos maridos concederiam todos os desejos de sua esposa como Lord Carlson estava fazendo, mesmo que fossem recém-casados.

Felizmente para Stephen, sua família estava há muito tempo em Londres e tinha fortes conexões em lugares influentes. Demorou apenas alguns dias para traçar os passos de Elizabeth até a porta da casa dos Jamesons. Depois de uma conversa longa, acalorada e ameaçadora com John Jameson, Stephen conseguiu descobrir sobre o esquema do médico para atuar como guardião de Elizabeth em troca de que ela financiasse sua jornada para as colônias emancipadas.

John explicou a Stephen que ele era o irmão mais velho e o médico vivia sob sua generosidade. Por isso, o médico convencera Elizabeth a usar o dinheiro de sua herança para financiar a viagem. Sabendo o quão ingênua Elizabeth era sobre o funcionamento do mundo, Stephen imaginou que não teria sido uma tarefa muito difícil. De alguma forma, o canalha conspirador também conseguiu solicitar que seu outro irmão - que era advogado e o administrador da herança de Elizabeth - liberasse uma quantidade considerável do dinheiro da herança dela para eles. Não importava para Stephen que John estava desconfortável com a ideia e agiu praticamente contra sua vontade. Ele responsabilizava toda a família Jameson.

A primeira preocupação de Stephen era encontrar sua rebelde e insolente esposa e trazê-la para casa. Uma vez que isso fosse concluído, esta família de canalhas seria devidamente tratada.

3

Elizabeth inclinou-se contra o parapeito no convés do navio insuportavelmente cheio e puxou o grande capuz de sua densa capa de lã de cordeiro vermelha recoberta de peles, mais próximo de seu rosto. Sua suavidade proporcionava um toque de conforto à sua pobre cabeça dolorida que parecia ter sido atingida por um objeto maciço e contundente. Seu estômago não estava melhor. Estava tão nauseado pelo incessante balanço do impiedoso oceano que era impossível segurar qualquer coisa nele. Na verdade, ela o esvaziara tanto que temia que o próprio estômago fosse o próximo. Às vezes, quando se inclinava contra o parapeito e silenciosamente rogava as águas por misericórdia, ela estava certa de que ouvia as águas rirem perversamente de seu sofrimento.

Não querendo levantar desaprovação ou suspeitas, o médico comprara bilhetes de passagem como tio e sobrinha. Entendendo que ela seria obrigada a sair de casa sem bagagem, ele solicitou que roupas novas e artigos de higiene fossem preparados a tempo para a viagem. Embora o corte da roupa fosse levemente simples em comparação com os vestidos que possuía em casa, eles eram feitos com os melhores cetins, sedas, lãs, veludos e brocados disponíveis e a vestiam excepcionalmente bem. Elizabeth sentiu que ela sacrificava pouco, pelo que agradeceu muito ao médico.

O Dr. Jameson manteve sua identidade de um nobre que virara médico, explicando a Elizabeth a importância de

estabelecer imediatamente a base de seu relacionamento com as pessoas boas do novo mundo. Já que o navio excessivamente lotado estava levando todos os seus passageiros para lá, eles já estavam tecnicamente na companhia de seus novos vizinhos. Isso incitou Elizabeth a questionar pela primeira vez sobre sua sabedoria em realizar tal viagem, pois seus companheiros de viagem pareciam um grupo, de fato, repugnante.

Elizabeth guardou seus pensamentos e sentimentos para si mesma e concentrou-se na liberdade que a aguardava em sua nova vida e em sua profunda apreciação pelo antigo amigo e colega de seu pai, que agora era seu guardião. Ela achou uma grande vantagem viajar com um médico. Era útil poder consultá-lo facilmente por seu estômago incontrolável e cabeça igualmente miserável.

Mesmo com a imaginação fértil que Elizabeth possuía, ela nunca poderia ter compreendido quão longa e exaustiva seria a viagem. Por razões inexplicáveis para ela, o navio navegou para o sul e parou em vários portos do litoral antes de sair para o mar aberto. Por causa disto, sua viagem foi estendida de esperadas seis semanas a um esmagador teste de resistência de dois meses e meio. Ela levou sua preocupação ao bom médico em várias ocasiões e sempre se encontrou com o mesmo tapinha na mão e aceno de cabeça, sem nunca ouvir uma explicação. Ela deduziu que ele sabia tão pouco quanto ela sobre o assunto.

Houve rumores de que o navio recebeu um pequeno grupo de escravos africanos, mas Elizabeth não viu nenhum sinal deles. Portanto, ela os considerou apenas rumores.

Quando a notícia finalmente chegou de que terra fora avistada, ela saltou e aplaudiu exultando de maneira infantil. Ela suportou quase tudo o que podia de seus colegas passageiros. O incessante odor de corpos não lavados e a conversa inadequada que era comum entre os passageiros, juntamente com a constante tortura de seu estômago excessivamente castigado pelo balanço e ondulações do navio haviam destruídos seus nervos e esgotado seu corpo. Se o alívio não chegasse em breve, ela estava certa de que ficaria louca ou, pelo menos, vomitaria até que ela não existisse mais.

Embora estivesse muito melhor do que Elizabeth, Sally ficou igualmente feliz em saber que logo estariam em terra firme. Ela nunca havia sido dama de companhia antes. Ter que servir a uma aristocrata perpetuamente vomitando foi uma forma desafiadora de começar. Para piorar, ela também experimentou alguns dias de enjoo antes de se acostumar com o mar. Seus deveres eram os de uma empregada doméstica desde que tivera idade para trabalhar. Quando Elizabeth apresentou-se na residência de Jameson desacompanhada, a falta de uma criada para a dama precisava ser corrigida antes de começar a jornada.

Foi John quem sugeriu que Sally os acompanhasse e atendesse às necessidades de Elizabeth. Como as duas

mulheres tinham idade próxima, ele sentiu que Sally também poderia servir como companheira para a nova pupila de seu irmão. O tio de Elizabeth incutiu nela a crença de que a familiaridade cria desrespeito e, portanto, ela nunca deveria se tornar amiga de um membro da criadagem. Ela decidiu que, já que estava começando uma nova vida, talvez devesse começar novos hábitos. Assim, ela não fez menção à inadequação de uma empregada doméstica se tornar uma criada atuando como sua companheira de viagem.

Sally nunca esteve em um navio e não achou a ideia encantadora. Ela estava igualmente incerta sobre deixar sua terra natal e ir para as colônias notoriamente primitivas e bárbaras. Afinal, não havia muito tempo as colônias estavam lutando contra a Inglaterra por sua liberdade. Seriam eles realmente receptivos à chegada de pessoas mais fiéis à Coroa? Foi a promessa de ser promovida a criada e os salários que viriam com isso – para não mencionar nunca mais ter que esfregar um único piso – que superou seus medos e levou-a a concordar com o esquema.

Uma garota de origem comum, Sally possuía inteligência e educação muito superior à da sua classe. Não demorou muito para que ela soubesse o que era esperado dela e cumpriu seus deveres tão bem que todos, inclusive ela mesma, tinham dificuldade em lembrar que ela havia sido uma empregada doméstica até pouco tempo atrás.

"Oê tá se sentindo bem, Lady Elizabeth?", perguntou o capitão de aparência débil enquanto deslizava para junto

de Elizabeth e olhava para as brilhantes águas azuis beijadas pelo sol. "Eu entendi que ocê teve se sentindo um pouquinho mal na maioria da viagem".

"Sim, capitão. Lamento dizer que estive", Elizabeth respondeu educadamente.

Elizabeth deslizou sua mão sobre seu estômago sensível

distraidamente. Ela estava muito ciente da proximidade imprópria do capitão, bem como com a ousadia com que seus olhos seguiam a mão dela quando ela deslizava para o estômago. Se o convés estivesse menos lotado, ela teria questionado tal impropriedade. Embora incerta dos costumes do mar, na sociedade inglesa, suas ações seriam consideradas uma rude demonstração de desrespeito por uma dama de seu prestígio. Mas por outro lado, no que dizia respeito ao capitão, ela não era a esposa de um futuro duque. Ela era a sobrinha e pupila de um nobre que se tornara médico. Mesmo assim, em circunstâncias normais, tal proximidade entre estranhos não seria aceitável; independentemente do nível dessa pessoa na sociedade. Bem, estas eram circunstâncias de qualquer tipo, menos normais.

"Eu estava procurando pela terra. Eles disseram que estava perto, capitão Kline", ela disse em um esforço para acalmar a sensação incômoda que brotara dentro dela. "Eu não consigo ver. Eu ouvi incorretamente?"

Elizabeth prendeu a respiração enquanto aguardava sua resposta. Oh, por favor, que a terra esteja próxima.

"Cê ouviu direito, senhorita. Vamo tocar a costa em breve" o capitão riu.

"Isso é maravilhoso." Elizabeth disse com óbvio alívio. "Eu imagino o porquê de eu não ver nada", ela disse suavemente esticando a cabeça para examinar a extensão das águas.

Ela viu apenas uma massa escura distante que parecia particularmente temível, como se os fosse engolir quando finalmente se aproximassem.

"Ocê vê aquela massa distante naquela direção?", O capitão apontou na mesma direção que Elizabeth estava olhando. "É a terra para onde estamos indo. Não parece muito agora. Mas à medida que a gente se aproximar, ocê pode distinguir uma coisa ou duas".

"Meu Deus, seus homens têm olhos muito bons para ter conseguido detectar uma coisa tão distante antes mesmo de ser grande o suficiente para ver", exclamou.

Elizabeth ficou maravilhada. Ela observara as águas de todos os ângulos durante a maior parte da manhã por qualquer sinal de terra. O que só apareceu alguns minutos antes de o capitão se juntar a ela. No entanto, sua equipe a havia anunciado a primeira luz do dia.

"Ah, madame, a gente tem equipamento especial que ajuda com navegação e busca. Vem... me permita dar a você

uma olhada”, disse o capitão com um sorriso quente e amigável.

Se Elizabeth fosse um pouco mais conhecedora das coisas do mundo, teria percebido que o sorriso do capitão era um pouco quente demais e amigável demais.

Apesar de ter sido surpreendida por seu primeiro encontro com o capitão de aparência débil e maneirismos não refinados, o médico e Elizabeth haviam sido incluídos entre os convidados de honra dele na mesa do jantar durante o período da viagem. O médico desenvolveu apreço pelo capitão, apesar da sua óbvia falta de civilidade e aparência miserável. Se o guardião confiava no capitão, então ela também confiava.

Sentindo-se confortável e segura em sua presença, Elizabeth colocou a mão no braço que ele ofereceu e permitiu-lhe acompanhá-la através do convés envelhecido. Caminharam através do navio lotado de passageiros e até o convés do capitão logo acima de sua cabine. O cheiro aromático de couro e madeira sazoadada pela maresia era denso quando entraram na pequena sala aberta do leme do navio. Ela recebeu com prazer os aromas ricos e exóticos depois de passar por uma massa de corpos desprovidos de perfume e com extrema necessidade de banho.

Um imediato muito grisalho segurava uma enorme roda cuidadosamente guiando o navio firmemente em direção ao seu destino. Embora polida e bem cuidada, a roda

grossa mostrava sinais de desgaste de anos a serviço do capitão e sua equipe.

"Por aqui, madame", o capitão falou suavemente enquanto empelia Elizabeth para a grande luneta que estava posicionada em uma plataforma firme. Ele acariciou o tubo de latão bem polido, afetuosamente: "Você está familiarizada com luneta, madame?"

"Ora, não capitão. Ouvi falar delas, mas não tive a oportunidade de inspecionar uma", Elizabeth respondeu com crescente curiosidade.

"Bem, você tem essa oportunidade agora. Chega mais perto e dê uma olhada." A voz do capitão era libidinosa enquanto ele fazia menção para que Elizabeth se aproximasse. "Da uma olhada aqui e me diz o que vê".

Elizabeth deu risadinhas de deleite aproximando-se da luneta. Esquecendo toda a pompa e circunstância, ela ficou admirada ao olhar através da luneta para o conjunto pontiagudo de terra que parecia tão distante a olho nu, embora tão próxima através das lentes de vidro. Ela não apenas podia ver claramente, mas podia facilmente captar as pessoas alvoroçadas com suas atividades nas docas do porto.

Elizabeth estava tão absorvida em sua nova capacidade de ver as pessoas muito antes de elas estarem cientes dela que não percebera a troca de olhares e sinais do capitão com seu imediato. Nem percebeu sua situação quando o imediato prendeu a roda e os deixou sozinhos.

Depois de ouvir o capitão limpar a garganta de forma exagerada, Elizabeth afastou a cabeça da luneta e virou-se. O homem estava em pé terrivelmente perto, tornando difícil se virar sem chocar seu corpo contra ele. O fraco e asqueroso odor de seu corpo não lavado, misturado com o fedor da sua colônia barata, agredia seus sentidos. Ela podia sentir os músculos rígidos esfregar-se contra ela enquanto se forçava a encará-lo.

Olhando em volta rapidamente, ela não viu nenhum sinal do imediato. Alarmada, ela empurrou as mãos com firmeza contra o peito dele em um esforço para movê-lo o suficiente para deixá-la passar. Toda sua força não era suficiente para movê-lo nem um milímetro. Ele riu da fraca tentativa de liberdade de sua cativa antes de esmagar seus lábios contra os dela.

O mundo girou fora de controle enquanto Elizabeth fazia o possível para lutar contra o ataque agressivo do capitão. O que estava acontecendo? Ela deveria ter pensado melhor antes de permitir-se ser acompanhada a um dos locais mais privados e proibidos do navio. O único lugar mais privado teria sido a cabine do capitão, logo abaixo. Ela só tinha a si mesma para culpar pelo que estava acontecendo agora. Ela poderia se chutar!

Esperava-se que Elizabeth estivesse dormindo. Dr. Jameson temera por sua segurança em um navio que estava transbordando de pessoas comuns viajando para a nova terra na esperança de escapar sabe-se lá do que. A constante

vigilância entre ele e Sally se mostrou sufocante. Para ter um pequeno alívio, Elizabeth se retirou para uma soneca. Quando o sono não apareceu, ela decidiu tomar um pouco de ar.

Seus acompanhantes não a procurariam por pelo menos uma hora, se não mais. Mesmo que eles estivessem procurando por ela, pensariam olhar ali? Ela sinceramente duvidava disso. Quão tola fora de afastar-se de seus protetores e acreditar que nenhum dano poderia vir a ela em um navio como este. Ela teria esperado um ataque dessa natureza de um dos membros da tripulação desprezível ou mesmo de alguns passageiros com aparência desagradável, mas não do capitão da embarcação. Onde estava a sua honra? Onde estava sua integridade?

Ela se amaldiçoou por usar uma roupa informal. A falta das anquinhas criou um acesso muito mais fácil para suas mãos grosseiras e surradas pelo mar passearem à vontade. As almofadas do quadril e da parte traseira que dominaram o mundo da moda e se tornaram bastante populares, agora estavam sendo substituídas por vestidos mais simples de cintura alta que fluíam e envolviam o corpo da mulher, semelhante ao de uma deusa grega. Sally soltara seu espartilho em preparação para seu cochilo inventado. Uma vez que a criada deixara a cabine, era impossível que Elizabeth o prendesse novamente. Agradecida que seus seios fossem de tamanho e estrutura gerenciáveis sem os espartilhos, ela havia escolhido um vestido de lã de cordeiro

cinza e uma capa correspondente forrada com cetim verde para esconder seu seio inadequadamente não confinado. Desde que ninguém a tocasse, a ausência de um espartilho devidamente atado não seria notada.

Infelizmente, alguém a estava tocando - e de uma maneira que apenas um marido deveria fazer. Ela estava impotente para fazer qualquer coisa sobre isso.

Ela sentiu-se fraca com o choque desta reviravolta nos acontecimentos, bem como exaurida por vários meses de vômitos diários. Mesmo com o empenho de toda força que possuía para parar o ataque à sua pessoa, não demorou muito para que Elizabeth fosse sobrepujada por tudo isso. Incapaz de lidar com a cadeia de eventos, ela desmaiou.

Aproveitando a oportunidade, o capitão pegou sua forma pequena e leve nos braços e apressou-se para um local mais privado por meio de uma escada isolada que levava à sua cabine abaixo. O homem corpulento lançou o corpo desfalecido sobre sua cama úmida e fria. Mesmo em seu estado confuso, os sentidos de Elizabeth foram alertados para o mofo que fizera sua casa profundamente dentro do colchão grosso de crina de cavalo e algodão rebatido. Era óbvio que o capitão não tinha arejado e secado ao sol sua roupa de cama para protegê-la da constante umidade do mar em algum tempo, se o fizera alguma vez.

O capitão não tinha nenhum escrúpulo sobre estuprar uma mulher que nem sequer estava completamente consciente e rapidamente seguiu seus propósitos.

Percebendo o que estava acontecendo através da névoa que encobria sua realidade, Elizabeth juntou suas últimas forças e se pôs a chutar loucamente.

Em vez de deter seu agressor, isso só conseguiu estimular as desprezíveis intenções do capitão ainda mais. Não importava o quanto Elizabeth tentasse impedi-lo, o inevitável estava prestes a acontecer. Ela seria estuprada pelo capitão da mesma embarcação que pretendia proporcionar-lhe a oportunidade de uma nova vida de liberdade e segurança.

O som de tecido rasgando ecoou quando ela sentiu seu corpete sendo afastado de seus seios facilmente acessíveis. Dentro de segundos, os lábios quentes do capitão rodearam sua carne macia e rosada. Ela não tinha certeza do que doía mais, a dureza e aspereza de seus abundantes e maltratados pelos faciais ou a severidade de sua intensa sucção. Ela puxou seus cabelos gordurosos e ásperos com toda sua força, na esperança de deter seu entusiasmo e trazê-lo de volta à razão.

"Capitão, por favor!" Foi tudo o que ela pôde passar pelos lábios antes que a boca nojenta dele sufocasse a dela, forçando o resto de sua sentença de volta ao recesso de sua garganta.

O ar frio e úmido agrediu sua pele quando as mãos cheias de calos dele levantaram sua saia, permitindo-lhe acesso a sua área mais privada. Sua mente pensou sobre o que fazer. Este era um pesadelo do pior tipo. Não podia estar

acontecendo com ela. A qualquer momento, ela iria acordar da soneca que deveria tirar e perceber que isso era tudo um pesadelo inspirado pelo miserável estado de seu estômago.

Quando os lábios do capitão finalmente libertaram os seus próprios lábios machucados, tudo o que podia fazer era buscar por ar. Antes que ela pudesse estabilizar a respiração, o corpo dele esmagava sua frágil estrutura. O impacto doloroso de seu membro quando ele lançou-se sem cerimônia em sua profundidade aveludada e despreparada provou que ela não estava sonhando. O pesadelo era real.

O cheiro da pele suada e não lavada estava mal encoberto pela pesada colônia. O estômago dela sensível entrou em uma torrente de protesto. Ela não podia imaginar que pudesse ter mais alguma coisa para soltar, mas a ânsia persistiu de qualquer maneira. Sua boca queimava pelo asqueroso resíduo de tabaco que ele deixou ao forçar a língua grossa pelos dentes cerrados dela. Seu estômago gemeu e balançou com o movimento de seu corpo enquanto ele continuava a atacá-la para seu próprio prazer.

Elizabeth percebeu que sua batalha estava perdida e resignou-se a ficar mole sob ele enquanto rezava para que ele chegasse ao orgasmo rapidamente. Como ela não encontrou nenhum prazer no que estava ocorrendo, ficar rígida como uma tábua era incrivelmente fácil. Ela concentrou sua mente em outras coisas para ajudar a afastá-la da realidade de seu pesadelo. Bile subiu por sua garganta resultante do sabor dos beijos repulsivos. Ela

lembrou-se do cheiro fresco e limpo de Stephen quando ele vinha para ela à noite. Seus beijos eram adocicados, como o conhaque que ele bebia antes de chegar até ela. Suas mãos fortes pareciam desgastadas, mas eram na verdade macias e bem cuidadas. Certamente, não eram mãos que cortariam a pele com sua profusão de calos duros. Seu rosto – seu rosto tão bonito – embora bronzeado e espessado do sol era bem barbeado e suave contra sua pele. Seus sentidos foram realmente intensificados quando ela estava com Stephen. Sua carne era tão diferente da que a atacava agora. Ela estava certa de que sua pele estava sendo lixada, pouco a pouco.

Embora ela tivesse se deitado com apenas um homem, o gemido súbito do capitão, quando o peso total de seu corpo caiu sobre ela, não soou como o gemido de um homem atingindo seu pico de paixão. Esse fato ficou evidente quando sentiu o calor do sangue dele escorrendo por seu seio nu. O fluido pegajoso era ainda mais repugnante do que o seu mau cheiro e suas ações horríveis. Os gritos dela foram abafados pelo peso quase incomensurável dele.

Reunindo todas as forças que possuía, Elizabeth colocou as mãos contra o peito dele e levantou o peso mole com toda sua energia. Os olhos chocados do capitão encaravam-na diretamente. De alguma forma ela conseguiu levantar o corpo alguns centímetros acima dela para ter uma ideia melhor do que estava acontecendo. Ver a poça de sangue que estava se transferindo de suas costas para o

peito dela a deixou quase delirante de horror, mas também lhe deu a força que precisava para dar um impulso mais poderoso e elevar o corpo dele para aliviá-la do peso opressivo. Os contínuos gritos horripilantes que, no fundo de sua mente, ela sabia que estavam vindo de seus próprios lábios, apenas pioravam a situação. Sentando-se e buscando por ar, ela lutou para silenciar seus gritos e controlar a respiração.

Olhando ao redor, ela ficou incrédula. Ali, parada como uma estátua, estava Sally. Elizabeth ficou horrorizada ao olhar do pálido rosto de Sally para a faca ensanguentada que ela ainda segurava.

"O que você fez?" Elizabeth engasgou, enquanto ela saltava tão longe do corpo imóvel do capitão quanto podia. "Sally, o que você fez?"

"Ele estava... Ele...", Sally gaguejou.

A criada da jovem dama estava paralisada pelo choque de suas próprias ações.

Ao ouvir o barulho de botas subindo na direção delas, Elizabeth esforçou-se para limpar o sangue do capitão do peito com um pedaço de lençol e ajustar suas próprias roupas o melhor que pôde para seu estado original.

"Ajude-me... apresse-se!", ela exigiu.

O tom de voz de Elizabeth tirou Sally de seu estado de paralisia e colocou-a em ação. Ela deixou cair a faca no tapete quase rasgado e correu para ajudar Elizabeth. Elas mal haviam acabado de deixá-la apresentável quando o

imediatamente do navio lançou-se para a sala; seguido de alguns membros da tripulação.

"Maldição, o que você fez?" O imediato urrou correndo para inspecionar a condição de seu capitão. "Você matou ele?"

O imediato ordenou que seus homens segurassem as mulheres enquanto ele colocava cuidadosamente o capitão na cama e inspecionava a ferida feita pela faca de Sally. O fato de o capitão estar empenhado em obter prazer era óbvio. O imediato olhou longa e severamente para ambas as mulheres, enquanto os pulsos estavam sendo presos em preparação para removê-los da sala. A julgar pelo desarranjo da senhora e pelo olhar de desafio no rosto da criada, ele teve uma boa ideia do que ocorreria.

"Parece que vai viver, mas vai ficar furioso com isso por um bom tempo, tenho certeza." O imediato dirigiu suas palavras para Elizabeth e Sally. "Você sabe que o capitão é o rei desse navio, não é? Você entende as consequências de suas ações. Eu espero."

Elizabeth não conseguia adivinhar quais poderiam ser tais consequências, mas ela estava certa de que o imediato deveria informá-la em breve.

"Fui eu que esfaqueei", Sally revelou.

"Quieta!" Elizabeth cortou.

O imediato olhou de Sally para Elizabeth e depois voltou a olhar para Sally.

"Não importa quem fez", ele disse diretamente para Sally. "Cê é a serva da madame". Seu foco mudou para Elizabeth: "Então, madame será responsável pelo que ocê fez, como se ela mesma tivesse feito!"

A multidão na porta estava aumentando, fazendo Elizabeth dolorosamente consciente das implicações que sua aparência mostrava.

"Posso ir ao meu quarto e me arrumar?", Ela perguntou de uma maneira ligeiramente esnobe. Quando o imediato simplesmente sorriu forçosamente para ela, ela acrescentou com raiva: "Por favor?"

"Você vai ter um novo quarto a partir de agora, madame", disse o imediato com um grunhido antes de se voltar para os homens e acrescentar: "Levem as duas para baixo para o porão e mantenha elas lá até eu dizer diferente".

Se Elizabeth pensava que nenhuma degradação maior poderia ter ser concedida a ela do que a violação recente por um dos corpos mais imundos que ela já encontrara, ela estava errada. As zombarias e os comentários da tripulação e de alguns companheiros de viagem quando ela foi empurrada e compelida através deles, com os cabelos totalmente desarranjados e as roupas rasgadas, pareciam lanças de humilhação sendo jogadas contra ela de todas as direções. Sua humilhação pelo sobressalto de alguns poucos passageiros notáveis enquanto olhavam para sua aparência desleixada e ouviam a explicação do que aconteceu e para

onde ela estava sendo levada era insuportável. Ela nunca seria aceita na sociedade depois disso. Ela estava certa disso. Sua única proteção era que ela não estava usando sua verdadeira identidade nesta viagem.

À medida que alguns membros da tripulação empurraram as duas mulheres para a pequena cela que seria sua prisão, sem se importar que a multidão os testemunhasse segurando e empurrando perversamente em lugares íntimos, ela agradeceu pela perspicácia do Dr. Jameson de usar uma identidade fictícia. Enquanto isso, ela agradeceu por Sally golpear o capitão antes que ele pudesse atingir seu pico. O pensamento de uma possível gravidez resultante do toque de uma besta tão vil era horrível demais para sequer imaginar.

O médico! Quando ele descobrisse o que aconteceu, certamente tomaria providências para liberá-las. O bom médico também asseguraria que o capitão pagasse pela injustiça que ele conferiu à sua pessoa. Ela se agarrou à ideia que não demoraria muito para que ela fosse resgatada desse lugar horrível, que carecia de ar fresco e assaltava seus sentidos com o fedor de urina e podridão.

"Sinto muito, senhorita. Eu não estava pensando. Eu só queria ajudar", Sally sussurrou.

Traumatizada e muito exausta para falar, Elizabeth acariciou Sally e aconchegou a cabeça no colo da jovem.

Sally colocou a mão com simpatia sobre a cabeça de Elizabeth e tirou um cacho escuro de seu rosto enquanto

olhava em volta. Estava incrivelmente escuro. Pouco a pouco, Sally se acostumou com a escuridão o suficiente para distinguir algumas formas e desenvolver percepção de profundidade. Quando ela conseguiu, ela se viu olhando para um grupo de olhos pertencentes aos escravos negros apanhados no último porto e cruelmente amontoados e acorrentados do lado oposto do porão.